

HERCULANO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA

A MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

REDACTORES

TEIXEIRA DE CARVALHO
ALMEIDA CHAVES

ADMINISTRADORES

PINTO MALHEIROS
RICARDO CORTE REAL

SUMMARIO

- I — *Introdução.*
- II — *No céo e na terra (poesia)* — por João de Deus.
- III — *Numa vista de Veneza (poesia)* — por Alberto Telles.
- IV — *Sentenças da inquisição em Portugal* — por Pereira Caldas.
- V — Do poemeto anedoto *O Anti-Christo* — por Gomes Leal.
- VI — *No tumulto de uma menina (poesia)* — por Augusto Luso.

- VII — *Numa festa de caridade (poesia)* — por Pedro de Lima.
- VIII — *Chronica científica* — por R. A. J.
- IX — *Heresia (poesia)* — por Jayme Filinto.
- X — *Nocturnos (poesia)* — por Ernesto Cabrita.
- XI — *O dr. Buchner* — por Bruno.
- XII — *De noite (poesia)* — por Joaquim d'Araujo.
- XIII — *Anceio (poesia)* — por J. Leite de Vasconcelos.
- XIV — *Quadros históricos* — por Almeida Chaves.

VOLUME PRIMEIRO

EXPEDIENTE

REDACÇÃO

RUA DO ALMADA N.º 567 — 1.º ANDAR — PORTO



BIBLIOGRAPHIA

Á la memoria del insigne historiador y poeta portugues — *ALEJANDRO HERCULANO*. E' o titulo da mimosa, quanto saudita poesia que nos foi enviada de Madrid, escripta na lingua de Cervantes e impressa com nitidez num folheto de 13 paginas, in 8.^o

Já tinhamos tido occasião de avaliar o bello talento do snr. Gaspar Nuñes de Arce, quando lemos a sua elegia na *Ilustracion Espanola y Americana*.

Ha naquelles tercetos en-cassylabos, escriptos em homenagem ao nosso profundo philosopho e affectuoso Mestre, as concepções grandiosas que nos revelam um poeta. O estylo, por vezes, é mimoso e significativo a forma elevada e rigorosa.

Só não estamos da acordo com as idéas politicas do snr. Nuño de Arce, idéas que tanto pullulam nos ultimos versos da sua poesia.

Não somos ibericos, por isso não devemos trahir as nossas convicções.

Ao acreditado editor D. Benigno Martinez, agradecemos cordealmente o exemplar com que nos mimoseou.

Os regimentos da Inquisição em Portugal. — Subordinado a esta epigraphe, o nosso distinto collaborador e estimavel amigo, Dr. Pereira Caldas, acaba de publicar em fasciculo, um estudo bibliographico, enriquecido com valiosas curiosidades.

O mencionado estudo faz parte de um livro inedito do eruditio professor, que brevemente, segundo nos informam, aparecerá em publico.

Conhecemos a sufficiencia do snr. Pereira Caldas, para trabalhos dos generos, historico, archeologico e scientifico; por isso acreditamos que o novo livro será mais uma gloria para o desenvolvimento das letras patrias e mais um reflexo de luz para as gerações que estudam e pensam.

Pela segunda vez agradecemos ao nosso collaborador, extremamente penhorados, o fasciculo com que se dignou honrar-nos, precedendo-o de um obsequioso, quanto immerecido offerecimento.

T. C.

—

Costumes Madrilenos. — Com este titulo publicou o snr. Magalhães Lima um volume in-8.^o nitidamente impresso, e que offerece ao snr. D. Benigno Joaquim Martinez, illustre personagem de Madrid,

Esta publicação é de subido interesse e muito curiosa. Esta escripta em estylo elegante e ao mesmo tempo modesto.

O snr. Magalhães Lima é um escriptor consciencioso que a par duma linguagem tersa e fluente escreve com muita naturalidade, forçando-nos portanto a ler dum folego as suas producções litterarias.

Nos vinte capitulos em que nos offerece uma conversação amena e util, dá-nos uma noticia percisa do que Madrid pôde apresentar de mais curioso a seus visitantes. Não escaparam á sua apreciação aquelles typos bem caracteristicos, todos de Hespanha, aquellas incoherencias, aquelle espirito volvel e irriqueto a que o hespanhol chama com muita graça, — *cosas de Espana*.

Ao terminarmos a leitura dos *Costumes Madrilenos* não podemos deixar de repetir o seguinte adagio: — *Felicidade perfeita é viver nas margens do Manzanares; e o segundo grão de ventura é estar no paraizo, com a condição porém de se estar vendo Madrid por uma trapeira do céo*.

E editor dos *Costumes Madrilenos* o snr. J. Diogo Pires, proprietario da *Livraria Central* de Coimbra.

A. C.

NOTICIAS LITTERARIAS

O illustre poeta bracarense, Alberto Braga, promette-nos para breve um livro de contos, devidos á sua primorosa imaginação.

Esperam-lo aniosos.

O nosso collaborador Joaquim de Araujo, ex-redactor da *Harpa* e moço de apreciavel talento, que há muito vemos atravessar corajoso por entre as repetidas gargalhadas duns ineptos, vae brevemente publicar um novo jornal litterario, intitulado *A Renascensa*.

Entre os seus mais distintos collaboradores, veem-se os senhores Pedro de Amorim Vianna, Theophilo Braga, Anthero de Quental, Thomaz Ribeiro, João de Deus, Gomes Leal, etc.

Será illustrado e abrirá a mimosa colleção das suas gravuras, com o retrato do sympathico poeta e nosso distinto collaborador, João de Deus.

Já está á venda o segundo volume das *Historias Contemporaneas*, firmadas pelo conhecido poeta e romancista, Dr. José Simões Dias.

O Peccado, é o titulo do novo romance.

EXPEDIENTE

Todos os cavalheiros a quem enviamos o 1.^o numero do *HERCULANO*, que o não devolvam á redacção no prazo de 8 dias avisando-nos dos seus nomes serão considerados assaignantes.

HERCULANO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA

A MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

Redactores

TEIXEIRA DE CARVALHO.
ALMEIDA CHAVES.

1.º ANNO

JANEIRO DE 1878

Administradores

PINTO MALHEIROS.
RICARDO CORTE REAL.

INTRODUÇÃO

O nauta, ao entregar o seu batel á mercê das ondas, mais confia na coragem que lhe enche o peito do que na sciencia, que lhe ensina os astros; a natureza ensuberbece-lhe os mares, abre-lhe as negras fauces dos abyssos, cerra-lhe os horisontes, envolve-lhe as constellações em escuras e pesadas nuvens, e num esforço supremo, pretendendo despedaçar as leis, que Deus lhe prescreveu, perpassa na immensidate, soltando rugidos ferozes: — a coragem então, como bussola que zomba de todos os elementos destrutivos, como estrella de resplandente luz, o anima a proseguir na emprehendida derrota.

Assim nós, ao emprehendermos esta publicação, mais confiamos na coragem que nos infunde a memoria de Alexandre Herculano, do que mesmo no vigor das nossas proprias forças, que jámais desfalecerão ante as censuras mordazes daquelles que teem por divisa condemnar o que excede a esphera das suas capacidades.

Que preito de maior veneração poderão tributar a Herculano os seus admiradores do que o producto das suas lucubrações?

Ao Genio só com o talento se deve prestar homenagem; as paginas dum livro são paginas de bronze, cujos caracteres indeleveis e sempre vivos dirão, em todos os tempos, a sinceridade de nossos protestos e a santidade de nossas convicções.

Filhos predilectos das idéas de tão insigne personagem, tomamos para titulo desta publicação — HERCULANO; e deste modo demonstramos que «tamanho é o nosso respeito pelo homem, como profunda a nossa veneração pelo escriptor.» Esta convicção é-nos exuberantemente corroborada pela auctorizada opinião dum

nosso escriptor contemporaneo: «Alexandre Herculano é, e será sempre para os discípulos um culto e uma gloria.»

«Pertenço pelo berço a uma classe obscura e modesta; quero morrer onde nasci». Que sublime abnegação! que honroso manifesto de humildade! e que nobres e generosas ambições nos manifesta Herculano nestas eloquentes phrases! Uns visionarios porém, não contentes de lhe insultarem a vida, ainda na morte ousam ultrajar-lhe a memoria!

Almas mesquinhas, que, á mingoa d'azas chafurdaes no lodaçal pestilento donde em vão pretendéis erguer-vos, ouvi mais uma vez as severas palavras de indifferença que Herculano proferia, ao encarar com o vergonhoso trama dos vossos ardís: — «... no meio das saturnae reaccionarias, se alguma vez temi pelo paiz, nunca temi por mim. A reacção não pôde arrancar-me as veneras, nem despir-me á farda bordada. Não me derriba; porque ha trinta annos que cá estou no chão.»

Não é tenção nossa emmaranhar-nos nessas luctas em que Herculano sempre ostentou caracter nobre, inabalavel e decidido; porque nem no-lo permite o limitado espaço duma introducção, nem nos achamos com forças para firmar tão longos traços.

Consagrando devotamente as nossas lucubrações á memoria do nosso insigne Mestre, entendemos cumprir um dever de respeito e veneração. Seja-nos, pois, ao menos recompensa benevol a lisongeira esta idéa e a do nobre acolhimento de corações generosos. E á moderna severidade dos *criticos* lembramos que em todo o peito ha um altar sacro, e em todo o coração preces ferventes; e que a mão que se erguer para derubar ou suffocar o que as convicções teem de mais santo, cahirá secca e paralysada.

NO CÉU E NA TERRA

Quem na abobada immensa
Poz a lampada suspensa
Do sol que o dia nos dá?
Quem ha que ao menos se afoite
Contar os astros que á noite
Nos allumiam de lá?

Quem é que se um braço estende,
A lúa em pino suspende,
E aos homens diz: «Descançai!»
«Filhos dum pai que os adóra,
«Meus filhos! durmam agora!»
«Quem vêla agora é seu pai!»?

JOÃO DE DEUS.

NUMA VISTA DE VENEZA

Maravilhosa flôr
Pendida sobre as aguas,
Partilho as tuas magias,
É minha a tua dôr.

O vento não enfuna
Teus pavilhões symbolicos,
Nem cantos melancolicos,
Suspiram na laguna.

Nem brilha jovial
Em teu semblante angelico
O rir pantagruelico
Do gordo carnaval!

Cobre-te o corpo a túnica
Do teu santo adorado;
— Morres, cumprindo o fado,
Belleza augusta e unica!

Algum echo sympathico
Repete ainda os teus ais...
E pedra a pedra cães
No fundo do Adriatico.

Lisboa — 1875.

ALBERTO TELLES.

AS SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

I. — Nas SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO entre nós — *especimenes curiosissimos* — transluz palpavel o caracter do SANCTO OFFICIO.

Perante doeumentos assim, nem o *favoritismo* exalta, nem o *maledicismo* deprime. — É puro como a luz, candido como a innocencia, o *veredicto da analyse*.

II. — São muitas as *copias manuscriptas* destas SENTENÇAS, ao passo que poucos são os *exemplares impressos* — e nas *copias manuscriptas*, não são poucas as *variantes*, sendo *essenciaes* algumas dellas.

Não seria trabalho inglorio — nem desestimado dos amadores — a vulgarisação dumas e outras destas SENTENÇAS, numa *collecção* illucidada oportunamente.

III. — Da analyse minuciosa das SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO, deduz a critica verdades importantes — mais acerbas ás vezes, que o travor intenso da amargura.

Nada ha de improficio no estudo dellas: — e ao asco da leitura dalgumas, é superior a utilidade moral de todas — *espelho fiel do viver e crér de então*.

IV. — Como exemplos da nossa affirmativa, damos á luz algumas das mais curiosas destas SENTENÇAS, correlativas a cada um dos nossos REGIMENTOS DA INQUISIÇÃO.

Exemplificamos com uma, o de 1613; com duas, o de 1640; e com uma, o de 1774: — e complementamos a transcripção, copiando ainda tres SENTENÇAS mais, curiosissimas todas.

Não deixamos assim, sem exemplificação tambem, o caracter criminal dos dois REGIMENTOS nunca impressos: — o de 1532 e o de 1570.

V. — A primeira das SENTENÇAS de exemplificação, é a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA contra o *Doutor Antonio Homem*; meio christão novo; lente de prima em canones na universidade de Coimbra; conego doutoral na mesma cidade; cognominado usualmente o *preceptor infeliz*: — reo penitenciado, *relaxado em carne á justiça secular*, a 5 de Maio de 1624.

E' a segunda, a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE LISBOA contra *Nuno Fernandes Marques*; christão novo; homem de negocio: — reo penitenciado, *relaxado em estatua e nos ossos á justiça secular*, a 15 de Dezembro de 1658.

E' a terceira, a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA contra *Rodrigo do Valle*; christão velho; tendeiro: — reo penitenciado, *relaxado em carne á justiça secular*, a 26 de Outubro de 1664.

E' a quarta, a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA contra o *Doutor José Anastacio da Cunha*; lente de mathematica na universidade de Coimbra; official do regimento d'artilheria do Porto, aquartelado então em Va-

lença:— reo penitenciado, *condemnado temporariamente a reclusão e degredo fóra da cidade*, a 15 de Setembro de 1778.— E' SENTENÇA com roboração de pena, em conselho geral do SANTO OFFICIO em Lisboa, a 6 d'Outubro do mesmo anno de 1778.

VI.— Das SENTENÇAS de complementação curiosa, é uma dos fins de seculo XVI; outra, dos meiodos do seculo XVII; e a ultima, dos principios de seculo XVIII.

A primeira, é a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE LISBOA contra *Anna Rodrigues*; christan velha; viuva; irman da Ordem Terceira de S. Francisco, em Lisboa:— ré penitenciada, *condemnada perpetuamente a carcere com degredo para fóra do reino*, a 27 de Julho de 1590.

A segunda, é a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE LISBOA contra *Anna Martins*; christan velha; viuva; lavradora:— ré penitenciada, *relaxada em carne à justiça secular*, a 16 de Maio de 1694.

A terceira, é a SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE COIMBRA contra *Maria Antonia*; christan velha; solteira; do bispado do Porto:— ré penitenciada, *condemnada perpetuamente a carcere e habito penitencial, com degredo para fóra do reino*, nos principios de seculo XVIII.

VII.— Nestas SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO, allude-se a particularidades, de que nem todos poderão aquilatar o valor.

Tal é a distincção entre *christãos novos e velhos*— o *ultimo perdão geral*— o *jejum do dia grande*, e o da *rainha Esther*— a *paschua do cordeiro*— as *nominas da cabeça e dos braços*— e o *retabulo do condemnado com a confraria lisbonense de Santo Antonio*.

VIII.— O epitheto de *christãos novos*— dado em escarneo aos conversos ao christianismo— espalhara-se de Lisboa pelo paiz, desde o sanguinoso motim de 1506 contra os judeus.

Na carta de lei de 25 de Maio de 1773, no ministerio do marquez de Pombal, *Sebastião José de Carvalho e Mello*, acabou-se pela raiz com esta *distincção ignominiosa*.

IX.— O *ultimo perdão geral*, obtido de Roma com extenção pelos judeus do nosso paiz, deu-lho o Papa Clemente VIII em 1604, a instancias do nosso rei intruso *D. Philippe II*:— e tem correlação natural com o do Pontifice *Paulo III*, em bulla de 12 de Outubro de 1535.

Nesta bulla, revalida-se e amplia-se outra do Papa Clemente VII— em 7 de Abril de 1533— cognominada do *primeiro perdão geral*.

X.— Na bulla de *Paulo III*— filha das modificações aconselhadas pelo decurso do tempo, desde a epocha da bulla do *primeiro perdão*— estatuiam-se formulas simplices, para o gôso de tranquillidade nos *christãos novos*.

A mera confissão auricular— com a absolvição de

quaesquer sacerdotes aprovados, que os *culpados escolhessem*— po-los-hiam ao abrigo de perseguições ulte-riores da INQUISIÇÃO — *sem necessidade de penitencias algumas publicas*.

XI.— Ordenava-se tambem a cessação de todos os processos por crime de heresia e apostasia, assim no fôro secular, como no fôro ecclesiastico.

Ordenava-se igualmente a soltura dos prezos, e a revocação dos foragidos e desterrados, com o levamento dos confiscos de bens.

XII.— O BREVE DE PERDÃO de *Clemente VIII*, expedido de Valhadolid para a nossa capital, em fins de 1604, veio commettido ao arcebispo de Lisboa, ao inquisidor geral, e ao collector apostolico.

Deu-se a cada um a faculdade da execução, ou directamente por si, ou indirectamente por outrem.

XIII.— Ampliavam-se neste BREVE, conforme os desejos dos judeus que o promoveram, as concessões do *perdão de Paulo III*.

Não se lhes exceptuavam crimes alguns em materia de fé, na fôrma do estylo do SANTO OFFICIO— ainda os *gravissimos e enormissimos*, embora reservados nas CONSTITUIÇÕES APOSTOLICAS e na BULLA DA CÉA.

XIV.— Para estes agraciados se acolherem ao reino, e gosarem do *perdão*; dava-se um anno de praso, aos que estivessem na Europa:— e dois, aos que della se achassem fóra.

Para não haver estorvos, nem demoras— na execução plena da concessão— impunham-se aos contraventores, fossem elles quaes fossem, as penas de excommunhão e privação de beneficio:— além de se declarar irrito e nullo, cassado e sem efecto, quanto em contravenção se fizesse.

XV.— Publicou-se este BREVE na sé de Lisboa somente, em 16 de Janeiro de 1605:— e não será mister dizer-se, que era então Domingo nesse dia.

No dia immediato— segunda-feira— começou-se a dar liberdade aos prezos em todas as INQUISIÇÕES do reino— *Lisboa, Evora, e Coimbra*.

Tinha dado ordem para isto o inquisidor geral *D. Pedro de Castilho*, vice-rei de Portugal então.

XVI.— Não ficou aos judeus barato este *perdão geral*.

Ao nosso rei intruso *D. Philippe II*— por lho alcançar de Roma— fizeram-lhe o serviço *dum milhão de oro*, na phrase d'então, com 800 mil cruzados.

Ao duque de *Lerma*, deram-lhe 50 mil cruzados.

A *D. João de Borja*, do conselho de Castella e Portugal, deram-lhe 40 mil cruzados.

A *Fernão de Mattos*, secretario do mesmo conselho de Portugal, deram-lhe 30 mil cruzados.

A *Pedralves*, do mesmo conselho, offereceram-lhe

outros 30 mil cruzados: — offerta esta, que elle não quizera acceitar, e recusára desinteressado a *Manuel Gomes*, da cidade de Elvas.

XVII. — Ficou o nosso reino — nesta occasião do perdão — desonerado da *divida do estado*, a que os judeus eram então credores.

A este *desobrigamento momentoso*, que nos fôrça a não sermos ingratos á memoria dos judeus, é correlativo o alvará de 1 de Fevereiro de 1601, promulgado em nome do nosso rei intruso *D. Philippe II.*

(Continúa).

PEREIRA CALDAS.

Do poema inedito

□ ANTI-CHRISTO

(FRAGMENTO)

O Passado, eu bem sei, tem ogivas sagradas,
E em nobres corações historicas raízes,
Mitras pontificaes, rainhas sepultadas,
Deuses feitos em pó, e historias infelizes:
E as grandes cathedraes, como rendas lavradas,
Parecem, ao luar, brancas sobrepelizes.

Mas é hoje um sepulchro: o Direito opprimido,
E o Verbo, mais cruel que a ponta duma lança,
Condemnaram-o ha muito: ha muito está perdido,
Como num grande mar um berço de creança,
Ai! do que fica á porta, em sonhos submerso,
Sem ouvir o fragor dum seculo que avança!

Que nada o salvará: nem lastimas, nem prantos! —
E então que direis vós, homens de togas pretas,
Quando virdes os reis fugirem sós, sem mantos,
Cheios de sangue e pó, á face dos planetas,
Quando a Historia marcar com ferro em braza os Santos,
E que a Verdade arranque as barbas dos Prophetas?

Que direis quando enfim o Verbo mate o Arcano,
Que a tyramia diga o seu supremo adeus,
Que o Homem nunca mais, ignobil e profano,
Sublime como um sol, possa cahir dos céus:
Que não mais o Pavor devore o peito humano,
Como um corvo que róe o coração dum deus?

Vós julgaveis talvez nas salas estucadas,
Que o frio é uma illusão, a névoa, a ventania...
Vamos, chega a Misericórdia. Deusas embalsamadas
Tratai de a servir bem, que é sua vez d'orgia!
O sangue inunda já as pedras das escadas.
Quem sois? Quem sois?... «Abri! Eu chamo-me a *Anarchia*.

« Eu sou o turbilhão colérico e profundo
« Que vém varrer a terra: o raio nunca visto.
« Venho cheio de pó, cansado, todo immundo:
« Em toda a parte *Morte*, em toda a parte *Christo*!
« Sou quem trago a sentença escripta contra o mundo,
« E que açoito o cavallo em sangue do Anti-christo.

« Sou quem trago commigo os rôtos esquadros
« Da Fome e da Ralé,—da lugubre assassina,
« Sou quem hei de varrer reis e religiões,
« A indignação de baixo—a cólera divina,
« Já chegou até Deus o sangue das nações.
« Eis-me Polomia, Grecia, Irlanda, Hersegovina!

« Bispos, Santos e Reis, peitos de diamante,
« Como não chorareis, ouvindo o grande abalo?
« Alemanha arremessa ao Rheno o seu gaante.
« Tu, Egreja, renega, antes que cante o gallo.
« Justiça mostra já teu dedo flammejante.
« — Vingança vai sellar o teu feroz cavallo.

GOMES LEAL.

NO TUMULO

DE

UMA MENINA

Entrou na vida para entrar na morte,
Passou na terra para entrar nos céos:
Era um anjinho de celeste cohorte,
Bateu as azas, remontou-se a Deus.

AUGUSTO LUSO.

NUMA FESTA DE CARIDADE

Ó caridade, ó mãe a cujo seio uberrimo
Como fructos d'amor, pendem os infelizes;
Que illuminas a noite, enchendo-a dos matizes
Que rouba á primavera o inverno frio, asperrimo;

És tu, mãe, para quem jámais a esp'rança é morta,
Guia-te a voz do Christo atravez da lufada
Atravessas do abysmo a formidavel porta,
E reanimas c' o a sombra a flor estiolada.

És tu, que, abrindo a aza, á sombra do teu vulto
Abrigas da miseria os páreas foragidos,
E escondes na amplidão das pregas dos vestidos
A dôr envergonhada, o sofrimento occulto.

Para pisar da Historia o supedâneo augusto,
Por ti, sublime, heroica, ergue-se a humanidade;
Marcha, sem vacillar, o passo é mais robusto
Porque a conduzes tu, ó mãe, ó caridade.

PEDRO DE LIMA.

CHRONICA SCIENTIFICA

Embriaga-se-nos de entusiasmo o espirito ao contemplar o radiante horizonte que a humanidade rasga, propellida pela mão potente do progresso. Atordoa-nos a ambição e o orgulho, desvaira-nos uma consciencia falsa de illimitadas forças, se, retrocedendo milhares de seculos, esboçarmos na tela da imaginação o typo miseravel do homem primitivo, que, apenas desprendido das fachas da animalidade, roubava ás feras o seu parco sustento, disputava a morada em vís cavernas, e, armado da grosseira faca de silex, preserverava na lucta forçada e fatigante, que a conservação da sua existencia lhe demandava com imperio. Hoje, como então, a lucta é suprema e porfiada; hoje, como então, o homem arranca á natureza as armas com que incessantemente a combate, mas são immensas já as vantagens accumuladas, e brilhantes os resultados obtidos.

Nesta longa viagem que tem gasto as forças de tantas gerações, nesta lenta e penosa ascensão, desde o estadio grosseiro dos tempos primitivos á preciosa civilisação moderna, o pensamento que incutia a força e a coragem no animo do homem, impellindo-o ao trabalho, seria e será sómente a posse da sua felicidade e bem estar, a multiplicação e perfeição do seu trabalho manual? Os progressos materiaes serão o unico mobil da febril azafama com que se accumula o capital intellectual? O vapor, alma da locomoção e das industrias modernas, a electricidade que projecta as nossas ideias e palavras, atravez do espaço, zombando das distancias, serão os unicos fructos pedidos á arvore da sciencia? Além deste sim, já de si nobre, o amenizar a vida da humanidade, haverá outra mais nobre ainda? Ha indubitavelmente. Sobre o fundo utilitario do quadro da sociedade moderna, destacam-se as mais nobres e sagradas aspirações da intelligencia humana.

Ao chimico nas suas retortas, ao micrographo e ao astronomico, no campo visual das suas lentes, ao anatomico nas suas dissecções, ao physiologista nas suas experimentações, a todos arrasta a curiosidade insaciavel, todos cedem ao desejo de renovar crenças e ideias, a todos cega o esplendor da verdade e seduz a harmonia da natureza. E' este goso ideal que os attrahe aos mundos ideaes da abstracção, onde, desprendidos absolutamente das cousas terrenas, só teem ouvidos para escutar a musica das espheras celestes que já encantava Platão nos montes da Thessalia. Superior porém a esta atmosphera radiante da sciencia, desenha-se um enorme *x*, a incognita representativa dos grandes problemas que nós recebemos das gerações passadas e transmittiremos ás futuras, sem a devida resolução; e o espirito que vôle audaz a attingi-lo, desvaira-se em breve, deixa

204

derreter as azas, e cahe, qual novo Icaro, no oceano revolto da realidade.

Operando esta dupla tarefa, a de conquistar a natureza, e penetrar nos dominios do desconhecido, a sciencia atinge um resultado social immenso que a ninguem é já dado desconhecer ou negar.

E' a elevação do nivel moral da sociedade, é a confraternisação dos povos, é a identificação dos pensamentos, sentimentos e tendencias de todos os ramos da especie humana, unificação suprema que aos olhos da sciencia resplandece, como o mais brilhante scopo da civilisação hodierna. A sciencia não foi com effeito egoista; á medida que por soberanos esforços dilatava os ambitos que a circumscreviam, ia derramando profusamente os productos do seu labutar, ia infiltrando todas as camadas sociaes dos seus beneficos principios. E não sei mesmo, qual seja mais para admirar no nosso seculo, se os progressos scientificos, se a sua crescente popularidade e vulgarisação.

Iniciado nas suas relações com o meio material e social, o homem soube melhor comprehendêr a grande tarefa da sua vida: a tendencia para a felicidade pessoal intimamente ligada ao bem-estar e progresso da humanidade. Tal sentimento é o mais nobre apoio moral em que a vida do homem se deve estribar, e quanto maior fôr o caminho percorrido nesta direcção, mais o homem se afastará do seu passado bestial, mais se apagará o seu parentesco com a animalidade, mais se approximará da evolução ideal da nossa especie. A sciencia, propellindo a roda do progresso neste gyro brilhante, é o nervo do progresso da humanidade.

Só os espiritos retrogrados fecharão os olhos a tais verdades que os cegam e paralysam. Aquelles que sentirem as suas fibras vibrarem de unisono aos echos da moderna ideia, forcejarão por derramar os dados scientificos, e applaudirão a sua diffusão. Homens illustres não teem desdenhado a illustração do povo, fornecendolhe em livros apropriados e de facil leitura os mais indispensaveis conhecimentos; e os periodicos, qualquer que seja a sua indole, cedem as suas columnas aos artigos scientificos, contribuindo assim com o seu peculio para a grande obra da vulgarisação. E' escravizado por tais ideias que este jornal achou acertada a resolução de abrir as suas columnas a uma chronica scientifica. Esta união da litteratura e da sciencia não é nem extraña, nem paradoxal.

O immortal Lucrecio poetisou no seu celebrado poema os principios da antiga philosophia materialista; e Delille cantava os tres reinos da natureza. O principe dos poetas alemaes, Goethe, era um naturalista consummado; e a sua poesia resentiu-se destas tendencias realistas, accentuadas mais tarde nos versos de Lamartine.

tine e sobre tudo do grande lyrico moderno, Victor Hugo. A distinta romancista George Sand, depois de ter explorado com a sua fina intelligencia os dominios da paixão, entregou-se ás leituras scientificas, gosando com entusiasmo das suas ineffaveis delicias. Michelet, aquelle grande espirito, que tam viva luz lançou nos re-concavos da historia, cançado de observar as velhas luctas da humanidade, e a cadeia ininterrompida das suas miserias, veio retemperar o seu espirito no seio sempre aberto, sempre benefico da Sciencia.

Porto.

R. A. J.

HERESIA

(AO CLERO DA BAHIA)

Ó vandals da luz, a tréva aterradora
Com que velaes a Egreja e aurólaes a face
Do candido Jesus, fraqueja, rarefaz-se,
Como a noite polar ao despontar a aurora.

A sciencia entra no céu, o dogma cão, desfaz-se,
E é outro o nosso Deus; e o novo sol d'agora
Não pára como o sol de Josué, embora
O fanatismo brade outro bíblico — *Tace!*

Anathematisaes o emprehendimento humano,
— E é elle que vos leva a Roma, ao Vaticano! —
Tartufos, fulminae a excommunhão maior;

Que a Boa-Nova, a Idéa, essa aguia anti-romana,
Tambem vos excommunga a furia ultramontana
Nums apupos crueis — os silvos do vapor! —

Porto — 1877.

JAYME FILINTO.

NOCTURNOS

I

Passa na rua um grupo d'estudantes
Desferindo harmonias soluçantes
Das magicas guitarras.
Diz um burguez, com gestos de sagaz:
«Assim elles se perdem! Satanaz
Vai-lhes lançando as aguçadas garras».

E emquanto que prosegue neste tom
Em maximas e ditos resumindo
A san moralidade,
Ouve-se ao longe um cantico subindo,
Como um lençol alvissimo de som,
Que se estende no azul da immensidade...

Lisboa.

ERNESTO CABRITA.

□ DR. BÜCHNER

Dentre os multiplos factos postos em evidencia pelas sciencias naturaes, que, a partir de 1852 pela *Circulação da vida* de Moleschott, tão grande movimento hão imprimido á especulação philosophica, substituindo lentamente os resultados das suas experimentações aos devaneios da metaphysica, cahida definitivamente pela scisão desastrosa dos hegelianos, um ha que mais do que todos offerece uma capital importancia, porque vem lançar uma nova luz sobre velhas questões que a especulação debatera em balde durante seculos de esteril polemica. Alludimos ao principio da herança que uma interpretação lucida nos fornece para a questão tão debatida das idéas innatas a que elle vem dar uma expliçação racional que liga, quem o diria? a aristotélica affirmação á restricção leibnitiana. Ora, um dos exemplos humanos desta lei de superior alcance da herança acha-se na familia Büchner, dum dos membros da qual nos iremos ocupar. Filhos dum medico distintissimo, os irmãos Büchner illustram-se, além do auctor da *Força e materia*, na pessoa de seus membros, Luiza, novellista dum alto talento allemão, vago e mystico, mas daquelle mysticismo natural, humano, daquelle caracteristica raça que gera os Luthero e os Melanchton; na de Alexandre, que a historia das litteraturas conta nos seus annaes com louvor e na de Jorge, que as dissensões politicas, o forte amor da Liberdade e da Patria, adoraveis idólos queridos que vira insultados na sua magestade sagrada, não obstante os seus e alheios generosos esforços, e o tédio da existencia, singular modestia moderna, que teve o seu philosopho em Schopenhauer e o seu poeta em Ch. Baudelaire, mas que infelizmente ainda não achou o seu medico, ao que parece, arrebatam na flor da mocidade mas que deixa ainda assim do seu elevado espirito o vigoroso signal na *Morte de Danton*, tragedia em que não encontrareis a sensiblerie das obras do Kotzebue e doutros enervadores do gosto allemão, mas aonde alguma coisa ha das obras-primas do theatro grego, de Eschylo, Sophocles e Eurípides, e do maior tragic de todos os tempos, do grande creador do theatro moderno, o extraordinario William Shakespeare, a forte comprehensão da natureza, o relevo dos personagens, a vida da acção e a concisão severa da linguagem.

Ao lado destes tres notaveis representantes da familia, surge seu irmão, o dr. Frederico Carlos Christiano Luiz Büchner, de que nos dispomos ocupar.

É realmente esta uma das personalidades mais vigorosas do moderno movimento materialista allemão, em que se funde a esquerda hegeliana, na pessoa do seu mais illustre representante, Luiz Feuerbach, para que

lança a passagem o philosopho da Vontade e que hoje se confunde geralmente com a eschola positiva, mas que differe essencialmente, conforme o viu o proprio Littré, do positivismo, pelas suas origens, pelos seus resultados e pelos seus processos de investigação.

(Continúa).

BRUNO.

DE NOITE

Desceu de ha muito a noite silenciosa.
A lúa, como um lírio immaculado,
Abre o calix d'amor, urna saudosa,
No asul d'astros serenos cravejado.

Quem me déra sonhar o meu noivado
Naquella estancia doce e mysteriosa,
E aspirar-te os perfumes, branca rosa,
Longe das garras cruas do Peccado.

Talvez que se eu vivesse nesses mundos,
Calados, cheios de segredos fundos,
Te seguisse do alto dos espaços

E estrella ou nuvem solitaria, um dia
Cahira, inerte, inanimada e fria,
No abysmo luminoso dos teus braços...

Lisboa.

JOAQUIM DE ARAUJO.

ANCEIO

Entrava inda na infancia a humanidade; o mundo
Solitario crescia á lei da natureza;
A Arte não tinha ainda o imperio, a realeza,
E o mar, — cyclope immenso, — o vasto mar profundo,

Em doidas convulsões, em rabido estertor,
Arqueava contra a praia o dorso omnipotente
No céo então se ouvia uma voz docemente;
Curvou-se a humanidade á voz do Creador:

«Homem, não foi em vão
Que te eu creei um dia,
E dei um coração
Repleto de harmonia

Ao teu peito! jámais!
As azas sacrosantas
Com que tu te levantas
Aos páramos ideaes,

Dos céos á immensidão,
Não são inuteis, crê:
Eu sou a Divindade,
O Tabernaculo, a Fé;

Eu sou o Deos potente
Que tudo move e agita,
Abobada infinita
Espelho resplandente

Do sol dos soes! Sou eu!
A alma que te anima,
— Particula divina
De mim se desprendeu!

Avante, homem, avante!
É tua a eternidade;
Os céos são teus; adeante
Te ponho a immensidão!

Engolfa-te nas ondas
Ardentes do infinito:
Não temas, não te escondas;
Teu nome está escrito

No seio meu; — caminha!
Homem, és immortal,
És grande, és quasi igual
Á Divindade minha! — »

E desde esse momento o homem andou dois passos,
Caminhou, proseguiu: aos céos levanta os braços,

Quasi o infinito abarca; ao mar eleva os olhos,
E as agoas faz tremer! Homem, entre os abrolhos

Desta existencia tua, és como um deos facundo!
Ruge a teus pés vencido o globo inteiro, o mundo!

Dominas como um rei no vasto imperio teu,
Tens o corpo na terra e o spirito no céo; —

Mas nunca se te apaga o crepitante anceio,
Queres mais, queres mais! É insaciavel teu seio!

(*Dum livro inedito.*)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

QUADROS HISTORICOS

I

Influencia do clero na destronisação de Sancho II;
e casamento de D. Affonso, o Bolonhez.

Todas as constituições teem-se resentido da prepotencia que o clero pretende exercer na vida das nações. Estado algum catholico pôde jámais evitar o entremetimento da fatal preponderancia que elle, em tudo,

julga merecer. Dahi essas luctas renhidas e por vezes sanguinolentas cujas consequencias teem-nos sido sempre funestas, porque, ou nos compromettem a nossa constituição, ou nos preparam a perda da nossa autonomia. Essa preponderancia é tanto mais manifesta quanto mais pronunciada é a ignorancia e o fanatismo dos povos.

D. Affonso Henriques, ao cimentar a sua gloriosa monarchia, soube mover em seu favor o poder clerical a quem agraciou generosamente com privilegios, que levaram-no a querer competir com o da realeza, e por cujo motivo elle ia compromettendo o reinado dos seus sucessores.

D. Sancho II, o *Capello*, vendo-se envolvido nessas luctas a que seu pae dera principio, e que tinham por fim acabar com esses privilegios e regalias, em que o clero estribava o seu poder, não se achou com forças para proseguir na empreza delineada pelo seu antecessor. A reconhecida pusillanimidade de Sancho favoreceu ensejo ao clero de lhe preparar a sua destronização.

Antes porém de lhe desfecharem o golpe, quizeram os ecclesiasticos obter um solemne protesto de observancia de regalias e immunidades daquelle que devia substituir o logar de Sancho.

Preparou-se, pois, uma commissão, composta de fidalgos e ecclesiasticos, e dirigi-se a Paris, onde então se achava, o conde de Bolonha, D. Affonso, irmão do desventurado monarcha; e abhi lhe foram propostas as condições vergonhosas por meio das quaes se lhe promettia o sceptro de Portugal.

Ajustou-se effectivamente a destronização de Sancho, e para o conseguimento da qual fizeram avultar as intrigas na curia romana, e finalmente uma Bulla de Innocencio IV desligava os portuguezes da fidelidade jurada ao seu rei, e nomeava para o lugar delle, Affonso, conde de Bolonha, segundo se vê nos «monumentos que a mão da Providencia salvou para denunciarem á posteridade uma grande obra de trévas, de corrupção e de hypocrisia» como sobre o mesmo assumpto nos auctorisa a dizer o snr. Alexandre Herculano. Tambem aqui não podemos omittir o que a este respeito nos diz Schœffer: «Na verdade, quando se lêm os artigos do juramento solemne, dado pelo infante a 21 de setembro de 1245, na casa dum cancellario de Paris, pôde acreditar-se que o Estado estava todo, completa e inteiramente na Egreja. Os interesses do governo e do paiz figuram unicamente abhi como um supplemento aos da Egreja amplamente estipulados;...» Não tardou porém que o clero se arrependesse de ter intrigado em favor do conde de Bolonha.

D. Affonso esquecera-se das condições que promettera cumprir, quando ainda conde, e entretinha o espi-

rito da nação na conquista do Algarve, conquista que o cobriu de gloria e lhe augmentou o poder, e que hoje se rememora com a orla de castellos de ouro em campo vermelho, que cerca o Escudo das quinas.

O arcebispo de Braga D. João Viegas, que fôra o mais acerrimo influente na deposição de D. Sancho, era agora tambem o primeiro a promover animosidades contra D. Affonso, que de nenhum modo pôde obstar a que fossem feitas amargas queixas da sua conducta com o clero.

Não foi, pois, sem fundado receio que empunhou as redeas do governo, por quanto eram bastante numerosos os descontentes das iniquidades como elle se houve com o seu irmão, e bastante poderosa a influencia clerical.

A desintelligencia, que nascera entre Affonso III de Portugal e Affonso X de Castella pela posse do reino do Algarve, cujo rei sarraceno Ibn-Mahfot, expolliado dos seus dominios, os fôra doar aos castelhanos com o fim de virem a ser o pomo da discordia entre estes dous principes christãos, desintelligencia que tornava mais critica a posição do nosso rei, foi felizmente apaziguada com um tratado de paz, celebrado no anno de 1253.

Neste tratado compromettia-se D. Affonso a receber por esposa, a Beatriz, filha bastarda do rei de Castella, repudiando e sacudindo do thalamo a sua legitima mulher D. Mathilde com a mesma violencia com que havia arrancado o throno a seu irmão.

A noticia das segundas nupcias de D. Affonso não se fez tardar no condado de Bolonha. E, segundo nos affirmam os snrs. La Clede, Faria e Castro e outros escriptores mais, D. Mathilde veio a Portugal; e, não lhe sendo possivel avistar-se com seu marido por ter sido represada em Cascaes, enviara-lhe os seus emissarios, fazendo-lhe por elles saber: Que o homem não pôde apartar o que Deus unira no vinculo do matrimonio: Que ella condeça vinha de França buscar o seu marido a Portugal para lhe remunerar a fineza de elle ter ido de Portugal procura-la a França para esposa: Que lhe asseguraram que elle, calcando aos pés todas as leis santas, se casára com uma bastarda de D. Affonso de Castella, noticia que lhe causava sustos mortaes, em quanto elle não socegasse o seu espirito com provas que destruissem rumor tão vago, já para ella exclusivamente injurioso.

(Continúa.)

ALMEIDA CHAVES.

ANNUNCIOS

COLLEGIO FRANCEZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 166

Instrucción primaria, secundaria e superior; linguas modernas ensinadas por professores das respectivas nações; methodo racional e seguro; educação moral e religiosa em harmonia com os verdadeiros principios da pedagogia.

Tan.bem ha nesta casa cursos diurnos e nocturnos de francez, inglez, allemão, comercio, &c. &c.

Dão-se lições particulares.

O Director,
C. L. d'Archambeau. (2)

CONFETARIA OCCIDENTAL

DE
MANOEL JOSÉ DO LAGO

206—CEDOFEITA—208

HA neste estabelecimento grande sortimento de bolacha ingleza, cerveja ingleza e nacional, licores, nacionaes e estrangeiros, conservas, mostardas, massas, e muitas qualidades de doces finos. (12)

Enfeitam-se taboleiros

FREIXO

CONVIDA os seus amigos e frequezas a visitarem o seu novo armazem central de fato feito, rua do Almada n.º 18, praça de D. Pedro, 59, que está completamente sortido de fazendas proprias da estação actual, e roupas feitas para todas as medidas, casacos e polainas da verdadeira casimira impremiavel. (13)

NOVIDADE

Já chegaram os copos de vidro temperado, para agua e vinho que os jornaes estrangeiros teem classificado como incobraveis. Vende-os Casimiro de Sousa Fontes, (14)

26—RUA DE D. PEDRO—28

RELOGOARIA GARANTIDA

DE

PAULO & FILHO

73—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—73

Tem á venda relogios de todas as qualidades.

Tambem concerta os mesmos com perfeição.

PREÇOS RAZOAVEIS (7)

NINGUEM FICA ALEIJADO!!

147—Rua do Laranjal—147

Fazem-se apparelhos orthopedicos aplicaveis a diferentes aleijões que appareçam no corpo humano, e pernas artificiaes a imitar as naturaes:

Fundas de pressão graduada por uma chave, que sustentam toda a qualidade de roturas e nada incommodam, muito apreciadas dos meus numerosos freguezes do Porto e das provincias.

Fazem-se tambem cintos para suster o ventre e tudo o mais concernente á arte orthopedica; preços muito reduzidos. (3)

BILHETES DE VISITA, DE CASAMENTO E DE LUTO

Rua de Santo Antonio 44, junto á casa Buisson. (8)

PIRES, LOPES & C.

LARGO DOS LOYOS N.º 82 — 4.º ANDAR

COMPRAV e vendem papeis de credito, nacionaes e estrangeiros, inscripções e obrigações dos caminhos de ferro. Descontam promissorias dos Bancos Commercial de Vianna, Commercial de Braga, Banco do Porto e letras de cambio; compram os coupons da dívida interna e externa de Hespanha. Recebem dinheiro á ordem e a prazo fixo, abonando juro. (6)

ANDRADE

RELOJOEIRO

25—RUA NOVA DE S. DOMINGOS—27

Relogios superiores de ouro e prata para homem e senhora. Relogios de meza e parede americanos e franceses. Calendarios perpetuos. Instrumentos de marinha—estantes e sextantes, bussolas, barometros aneroides, binoculos.

Todos os relogios serão attenciosamente reparados e regulados.

Preço igual para todos. (9)

NOVA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE FIGURAS DE CERA

Largo da Batalha N.º 100

Grande quadro historico reprezentando a casa de horror dos sectarios de Santo Ignacio pe Loyola ou a inquisição no tempo do Marquez de Pombal.

Carcere a onde se cometam torturas atrozes para confessarem os que erão infelmente chamados aquele terrivel tribunal do Santo officio.

Estas figuras são executadas em cera com toda a naturalidade possivel e vestidos e caracter.

A exposição acha-se aberta todos os dias das 9 horas da manhan ás 12 da noite.

Entrada geral 60 reis, crianças e militares sem graduação 40 réis. (10)

MERCULANO

Revista quinzenal de litteratura, collaborada por distintos escriptores e consagrada á memoria de Alexandre Herculano.

A todos os senhores assignantes desta publicação, será distribuido, como brinde, no fim do 1.º volume, o retrato do falecido historiador, primorosamente executado.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal	Brazil
Anno	960 Anno..... 2\$400
Semestre	480 Semestre..... 1\$200

Para as provincias a assignatura é paga adiantada.

Recebem-se annuncios e comunicados, quando estes venham assignados e legalmente reconhecidos, para serem publicados nas capas do jornal a 20 réis por linha.

Todos annunciantes sendo assignantes de anno, pagarão 10 réis somente, gosando além disso o abatimento de 10 por cento.

Originaes enviados á redacção não se restituem, sejam, ou não, publicados.

Escriptorio da Redacção — rua do Almada n.º 567. — 1.º andar.

UNIÃO

PHOTOGRAPHIA DA CASA REAL

PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA DE 1876

47 — Praça de Santa Thereza — 47

(CASA APALACADA)



Este estabelecimento tem artistas que praticaram nos melhores ateliers estrangeiros, achando-se habilitados a photographar, segundo os processos mais modernos e com o retoque indispensável, que tanta aceitação tem tido do público.

O proprietário concluiu melhoramentos consideráveis no atelier e mais dependências, podendo satisfazer cabalmente a todas as encomendas concernentes á sua arte.

Perfeição nos trabalhos e modicidade nos preços: provas á vista.

Toda a imprensa periódica do Porto tem assinalado a photographia UNIÃO com palavras de subido louvor, acabando de receber do governo de Sua Magestade o honroso diploma de PHOTOGRAPHIA DA CASA REAL.

Este atelier tem sido visitado por muitas pessoas notáveis, entre as quais se conta Sua Magestade El-Rei o snr. D. Luiz I, o grande tribuno hespanhol Emilio Castellar, o primeiro jornalista portuguez o snr. Antonio Rodrigues Sampaio, ex-ministro do reino, o snr. Antonio Cardoso Avelino, ex-ministro das obras publicas, etc.

DENTES

COLLOCAM-SE desde um até completas dentaduras e por todos os sistemas conhecidos, garantindo-se a solidez e perfeição, e por preços muito razoaveis. Rua de Santo Antonio n.º 166 em casa do conhecido dentista Furtado & Irmão.

O mesmo continua tendo á venda os seus acreditados elixires para a conservação e limpeza dos dentes, sendo um bom preservativo contra a dor e caria dos mesmos.

(4)

Á VENDA

Lumes succos legítimos, 1.ª qualidade.

Lumes inglezes em caixas de folha.

Tijollos refractarios Ingleses.

Tijollos para Impar os metais.

Cognac, Licores, Champagne, Bordados &c.

Preços reduzidos. Desconta-se para revendedores.

Ferraria de Baixo, 118 1.º andar.

(5)

TABACARIA LUSO-ITALIANA

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros e um deposito de perfumarias escolhidas.

Praça da Batalha — (baixos do Theatro de S. João.)

HERCULANO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA

A MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

REDACTORES

TEIXEIRA DE CARVALHO
ALMEIDA CHAVES

ADMINISTRADORES

PINTO MALHEIROS
RICARDO CORTE REAL

SUMMARIO

- | | |
|--|--|
| I — <i>Ella</i> (poesia) — por João de Deus. | IX — <i>No leito da agonia</i> — por Souza Moreira. |
| II — <i>Soneto</i> — por Santos Valente. | X — <i>A nova musa</i> (poesia) — por Xavier de Carvalho. |
| III — <i>Sentenças da inquisição em Portugal</i> — por Pereira Caldas. | XI — <i>Adeus ás musas</i> (poesia) — por Cândido de Figueiredo. |
| IV — <i>In amore, vita</i> (poesia) — por Henrique Marinho. | XII — <i>Palavras do Evangelho</i> (poesia) — por Jayme Filinto. |
| V — <i>Introducção ao 6.º anno da Grinalda</i> (poesia inédita) — por Pedro de Lima. | XIII — <i>Quadros historicos</i> — por Almeida Chaves. |
| VI — <i>Ineditos portuguezes</i> — por Leite de Vasconcellos. | XIV — <i>Na tua doença</i> (poesia) — por A. H. |
| VII — <i>Innocencio da Silva</i> — por J. Simões Dias. | XV — <i>A reacção</i> (poesia) — por Teixeira de Carvalho. |
| VIII — <i>Sphynge</i> (poesia) — por L. T. de Freitas e Costa. | |



REDACÇÃ

RUA DO ALMADA N.º 567 — 1.º ANDAR — PORTO.

BIBLIOGRAPHIA

Accusamos a recepção das seguintes publicações :

O Seculo — *Publicação de philosophia popular e de conhecimentos para todos*. Estão publicados os numeros I, II, III e IV da 2.ª serie. São seus illustres redactores os snrs. Correia Barata e Zeferino Cândido.

Esta publicação, será superfluo dize-lo, é a melhor e a mais util entre as que hoje se publicam em Portugal. E afioutamente podemos asseverar que está a par das mais apreciaveis revistas scientificas que veem a luz da publicidade nos paizes em que o quadro das sciencias se amplia mais e mais.

Eis o summario : — *Alexandre Herculano*, por G. Barata. — *O acto de 16 de maio e a politica franceza*, por Z. Cândido. — *A crise religiosa*, por Correia Barata. — *A questão do Oriente*, por Zeferino Cândido. — *José d'Allencar*, por C. B. — *Bibliographia*, por A. Zeferino Cândido.

Estes artigos, primor de linguagem e de estylo, estão elaborados por aquellas fecundas e robustas intelligencias em que tanto brilham as salutares theorias da eschola moderna.

O orgulho que temos, anunciando esta publicação, é justo e legitimo ; permittam-nos, pois, os illustres redactores do *Seculo* que daqui lhe enviamos os nossos sympatheticos aplausos posto que os contemporaneos ou então a imparcial posteridade haja de lhes erguer mais triumphantes ovações e protestos mais gloriosos.

Alexandre Herculano e o Clero Reaccionario — Opusculo de Souza Moreira.

Tudo o que poderíamos dizer com referencia ao intelligente auctor desta publicação, nosso prestimoso collaborador, está já dito ampla e conscientemente pela imprensa periodica do nosso reino, e subejamente comprovado nas suas interessantes publicações a cujo merito se sobreleva um elegante e mimoso estylo que torna digno o snr. Souza Moreira dos maiores louvores que com justiça lhe dispensam os que prezam as letras patrias.

Porém a sua modestia excessivamente recatada tem-nos roubado ao prazer de não podermos apreciar mais vezes as suas formosissimas producções litterarias.

Este *opusculo*, de que nos foi oferecido um exemplar pelo seu auctor e pelo que nos confessamos penhorados, é um trabalho de subido merito e de bastante interesse como está indicando o titulo que lhe serve de epigraphe.

É editor deste opusculo o snr. J. A. Leitão, proprietario da *Biblioteca do Cura de Aldéa*; e acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto.

Almanach Popular — São seus editores os snrs. Antonio de Sampaio e Marques d'Oliveira. Este almanach torna-se digno de toda a recommendação, já porque insere

formosissimos artigos de conhecidos escriptores, e já porque se acha bastante ampliado por uma interessante chronica historica.

Está á venda em todas as livrarias do Porto; e em Lisboa, na livraria Internacional de Carrilho Vieira, rua do Arsenal, 89.

NOTICIAS LITTERARIAS

Está já concluido o 1.º volume da setima edição do Dicionario de Moraes e principiou a publicar-se o 2.º volume.

Ultimamente abriram-se alguns cursos de linguas no Gremio Litterario Recreativo, fundado em Leiria para instrução e recreio dos seus associados. A livraria ali estabelecida vae augmentando.

Gazeta de Coimbra é o titulo de um semanario litterario, politico e noticioso que principiou a sua publicação na lusa Athenas. É seu redactor o snr. J. Frederico Laranjo.

Já foram distribuidos os prospectos de uma luxuosa edição dos *Luziadas*, publicada pela acreditada empreza — *Horas românticas*, de Lisboa.

Já foi encommendado o typo elzevir em que deve sahir impresso o immortal poema do nosso Camões.

Publicar-se-lão apenas cincuenta exemplares, os quaes irão numerados e com os nomes dos assignantes a quem pertencerem, impressos no frontispicio.

Pereira Lobato, aquelle escriptor que todos nós conhecemos, acaba de augmentar a boa litteratura patria, com um seu romance contemporaneo, intitulado *Memorias dum Solteirão*.

EXPEDIENTE

Do 2.º numero em diante deixa de tomar parte, voluntariamente, na administração desta revista, o snr. Pinto Malheiros.

Aproveitamos o ensejo para avisar todos os nossos bondosos assignantes, que não paguem a importancia das suas assignaturas, senão á vista de recibos impressos, competentemente rubricados pelos redactores do HERCULANO.

A REDACÇÃO.

ELLA...

Ás vezes, trémula, inquieta
Como a luz duma estrellinha,
Vou dar com ella sosinha
Num calix de violeta.

Se os anjos choram de encanto,
Deve assim ser o seu pranto.

Que vezes a não admiro
A exhalar-se da rosa
Como de boca formosa
Se exhala mudo suspiro !

Então a sua existencia
Não passa de pura essencia.

Oiço-lhe em noites serenas,
E noites tempestuosas,
Longe, umas vozes saudosas
Que parecem ais apenas.

Não sei que linguagem falla
Ou que gemidos exhala.

Quantas vezes ao sol posto
Naquellas nuvens doiradas
Lhe estou a ver espalhadas
As tranças por sobre o rosto ?

Fica-me a alma suspensa
Daquelle abóbada immensa !

Mas quanto mais admiravel
Quando tudo em si resume!
Quando é orvalho e perfume,
Misterio e luz ineffavel !

É não me fartar de a ver,
Em fórmula de anjo ou mulher !

JOÃO DE DEUS.

SONETO

Na fina transparencia de ten rosto
Vê-se um pouco da azul celeste chamma,
Nem sei que emanações teu ser derrama
Que ver-te é ter do céo um antegosto.

Fallas e todo em ti eu tenho posto
O ouvido não, a alma que se inflamma ;
Sorris, e penso então que Deus me chama
E fez sahir um anjo do seu posto.

Mas, quando vejo querer-te a phantasia
Nos vãos gosos do mundo obter a palma,
Com fundada razão eu julgaria

Que, contra a lei que o mar levanta e acalma.
E ao contrario do que eu supponha e crio,
O corpo tens do céo, da terra a alma.

Lisboa—janeiro—1878.

SANTOS VALENTE.

AS SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

(Continuação do n.º 1)

XVIII. — Na *lei de Moysés*, não se prescrevia aos judeus senão um dia de *jejum solemne*. — Era o *jejum das expiações*, no dia 10 do 1.º mez do *anno civil* e 7.º do *anno sagrado* — cognominado usualmente o *jejum do dia grande*.

Faz-se menção deste *jejum* na *BIBLIA*, no *Levitico*, Cap. XXIII, versic. 27. a versic. 31.

XIX. — No *computo chronologico* dos israelitas, dá-se um caracter especial a cada uma das *duas especies de annos*.

Nos mezes, não ha diferença caracteristica. — São 12 como entre nós — com 29 e 30 dias — mas são *lunares*, e não *solares*.

XX. — O *anno civil*, «coordenado em relação aos computos sociaes», começa no outomno com o mez *Tischri* — 7.º do *anno sagrado* — que vem a cahir entre nós em setembro e outubro.

O *anno sagrado*, «coordenado em relação aos computos religiosos», começa na primavera com o mez *Nisan* — 7.º do *anno civil* — que vem a cahir entre nós em março e abril. — Começa com o *novilunio*, de que o dia *quatorzeno*, ou era no dia do *equinoccio vernal*, ou logo depois desse mesmo dia.

XXI. — Com o andar dos tempos, introduziu-se entre os judeus o uso de *mais de um jejum* : — e tinham por motivo as *calamidades publicas*, e ainda ás vezes as *desgraças particulares*.

No entanto, nenhum destes *jejuns* excedia em solemnidade — no rito judaico — ao *jejum das expiações no dia grande*, em 10 do mez *Tischri*.

XXII. — Eram rigorosos todos os *jejuns* dos judeus. — Não consistiam só em não comer desde a manhã até á noite: — consistiam ainda em toda a sorte de mortificações. *

Eram anunciados ao som de trômbetas, reunindo-se então o povo de Jerusalém no templo, e o das outras cidades nas praças publicas.

Nestas reuniões, fazia-se a leitura da *BIBLIA*, exhortando os anciãos ao povo, a que examinasse as consciencias, e fizesse penitencia dos peccados.

XXIII. — A rainha *Esther*, chamada *Edissa* também, era judia da tribo de *Benjamin*, e sobrinha de *Mardocheu*, alem de esposa de *Assuero*: — monarca sobremodo famigerado, que passa por ser o *Dario* da Persia, filho de *Hystaspes*, sendo ainda supposto de outros o *Artaxerxes Longimano*.

Deste rei *Assuero*, era ministro valido o amalecita *Aman*, no tempo do captiveiro dos judeus em Babylonia.

XXIV. — Como este *Aman*, com auctorisação de

Assuero, exigisse lhe dobrassem todos o joelho, em sinal de respeito; e como nunca *Mardocheu* se dispozesse a isto, assentando-se até ao presenciar o valido; obteve *Aman* do rei um *decreto*, para enforcar em sua casa a *Mardocheu*, e exterminar com elle no mesmo dia a todos os judeus.

Para esta vingança que premeditara — e urdira de longe com intrigas — fez levantar *Aman* uma força, a que dera 50 covados de altura.

XXV. — Avisada de *Mardocheu* a rainha *Esther*, obteve esta de *Assuero* a revogação do *decreto contra os seus patriotas*, com o castigo de *Aman* e sua família, na mesma força levantada por elle.

Obteve igualmente para *Mardocheu*, não só o logar de *Aman*, mas a fortuna ainda do mesmo valido.

XXVI. — O *jejum da Rainha Esther*, é o *jejum em memoria deste facto*, em 11 do mez *Adar*.

E' um *jejum solemne* tambem: e anda com elle anexo ainda o *jogo das sortes* — instituição respeitosa, em memoria das *sortes* deitadas por *Aman*, para escolher o dia do exterminio dos judeus.

XXVII. — Depois do *jejum do dia grande* — precedido do *jejum de Godolias* a 4 de mez *Tischri*, e seguido da festa dos *tabernaculos* a 15 do mesmo mez — nenhum era superior em solemnidade ao *jejum de Esther*: — *jejum* preparatorio da festa e oitava desta rainha, celebradas com os nomes de *purim* e *schuschan purim*, a 14 e 15 do mez *Adar*.

O *Godolias* do *jejum*, era o governador que dera *Nabuchodonosor* aos israelitas ficados na Judea, e a quem em *Masphat* assassinara *Ismael* — o filho de *Nathanias*.

XXVIII. — Na *paschua do cordeiro*, solemnisam os judeus a memoria da sua *sahida do Egypto*, libertos do captiveiro dos *Pharaós*.

No entanto, como a palavra *paschua* exprime no hebreu *passagem e transito*; a dois factos memoraveis é allusiva ella, na historia do povo de *Israel*.

XXIX. — E' um delles, a *passagem* do anjo exterminador dos primogenitos dos egypcios, na mesma noite da partida dos hebreus.

E' o outro, a *passagem* do mar vermelho a pé enxuto, que se lhe seguira pouco depois, com exterminio geral do exercito egypcio.

XXX. — Foi sempre esta *paschua do cordeiro* a festa principal dos judeus: — e dura o espaço de 8 dias, sendo o principio della a 15 do mez *Nisan*, e o fim a 22.

Sacrifica então cada familia um *cabrito annal*, e sem macula: — e comem-no depois á pressa, em acção imediata de partida, com as cinturas apertadas e sandalias nos pés, e com cajados nas mãos.

Comem-no *assado*, com pão por levedar, a que se dá o nome de *azymo*; e com salada de *alfaces sylvestres*.

XXXI. — Não quebram os judeus um só osso do cordeiro da *paschua*, nem reservam cousa alguma delle para o dia immediato. — Queimam, no mesmo dia, os restos que lhes sobram.

A principio, era de tanta severidade a guarda solemne desta festa, que se condemnava á morte, quem a não celebrava com rigor.

XXXII. — Dão os hebreus á temporada da *paschua* o nome de *kebia*: — palavra, que não deve confundir-se com o arabe *kebir*, significando *grande*, e entrando na composição de muitas expressões.

Começam os judeus esta *festa*, ao anoitecer do dia *quatorzeno* do mez *Nisan*: — pois não começam os dias como nós, de meia noite a meia noite, mas depois das 6 horas de uma tarde, até depois das 6 horas da tarde immediata.

XXXIII. — Nunca oram os judeus nas *synagogas*, sem previamente cobrirem as cabeças, atando em roda da testa *correas com nominas* — assim como outras em roda dos braços, a que se dá o nome de *phylacterias*.

A' mingua disto, lançam em volta do pescoço um veo branco quadrado — a que se dá o nome de *taled* — com borlas pendentes dos angulos.

XXXIV. — Nos tempos da *INQUISIÇÃO*, davam os *christãos velhos* o nome de *retabulo do condemnado* — em sinal d'ignominia contra os *christãos novos* — ao retrato de *Fr. Diogo da Assumpção*: — religioso capuzho nosso, a quem o *SANTO OFFICIO* queimara em Lisboa por judeu.

Queimou-o em 3 de agosto de 1603, em *AUTO DA FÉ* — tornando-o assim para os judeus um *martyr*, com a veneração de santo.

XXXV. — Era *Fr. Diogo* oriundo de Vianna de Caminha, como então era chamada a nossa Vianna do Minho — elevada em 1848 á cathegoria de cidade, com o nome de Vianna do Castello.

Tinha este frade a ordem de evangelho; e era filho dum fidalgo *christão velho*, sendo *christian nova* a mãe.

Um irmão de *Fr. Diogo*, religioso como elle, morreu *martyr* no Japão pela lei de Christo.

XXXVI. — Foi sobremodo arrojado — e virgem na especie — o modo como se houve sempre *Fr. Diogo*, ao comparecer nos interrogatorios dos inquisidores.

Desencadeou insolencias inauditas contra o *christianismo*: — e extasiou-se fogosamente na apologia do judaismo, intentando cathechisar com ella os proprios inquisidores.

Chamado a perguntas de novo, recrescia sempre em arguições e doutrinamentos: — e com isto, além da serenidade extrema na fogueira, grangeou entre os judeus a maior das venerações.

(Continua.)

PEREIRA CALDAS.

IN AMORE, VITA

Se ao céo levantas, já desconsolada,
Tristes os olhos, onde o amor não ri,
Baixa-os á terra inda uma vez, e ahi
Verás, mais do que a tua, angustiada

Uma alma, a que a ventura não sorri;
Uma vida, sómente equilibrada
No amor, na crença que lhe vem de ti:
Amor fecundo, crença abençoada.

E se é certo que as magoas diminuem,
Se as escuta quem dellas sabe o preço,
E te é grato escutar meus ais tambem,

Que de noss'alma as penas attenuem
Os gosos deste amor que te confesso,
Qual inda não senti por mais ninguem.

Porto.

HENRIQUE MARINHO.

Introdução ao sexto anno da
ERINNALDA
(INEDITA)

De novo o sol da gloria habita o teu deserto;
As aguias veem pousar do teu ninho mais perto;
Do Verbo a creação
Solta a potente voz nas puras cumiadas,
Onde se reproduz, das grandes alvoradas,
O vívido clarão.

Passa ovante no espaço; entre palmas e incenso,
O carro triumphal, de onde um cantico immenso
Annuncia ao Porvir inflorados abris;
E, da aurora que irrompe, em Niagáras, semelha
Choverem com a luz, radiante e vermelha,
Esplendidos rubis.

Em nuvens sóbe ao ar a poeira do Olympo;
Tem mais astros o céo, o horizonte é mais limpo,
Mais transparente o ar;
E, alem do glauco mar na face, cada ruga
Desfaz com beijos sens a brisa que o subjugua
Fazendo-o suspirar.

Tudo annuncia já que ao festim das idéas,
Se preparam na sombra, idyllios, epopeias,
— Os hymnos do combate, e os canticos do amor; —
O som de cada voz é o pereursor de um echo,
Que ao futuro dirá, como no tronco secco
Brotou de novo a flor.

Cantae, aves de fogo, almas feitas de bruma,
Que sacode o tufão, como se fôra a espuma,
Que nas rochas ficou;
Cantae, que a voz do amor, em dias infelizes,
Enxuga, como a esponja, abertas cicatrizess
Onde o veneno entrou.

Cantae; a inspiração é o facho dos prophetas,
Que na robusta mão agitam os poetas
Para indicar ao povo os humbraes do Porvir;
Cantae, que o sol da gloria imunda a immensidate,
Como o raio que rasga á negra tempestade
Os scios por abrir.

Solata no mar da vida as intrepidas velas;
Navegando, o baixel, uma esteira d'estrellas
Na senda deixará;
E, num vôo transponto esse abysmo insondavel,
Batei do eterno á porta escura, impenetravel,
Que Deus acordará.

Julho de 1869.

PEDRO DE LIMA.

INEDITOS PORTUGUEZES

CAROS REDACTORES:

Accedendo ao vosso pedido, envio-vos hoje da minha collecção os dous seguintes ineditos, escriptos no *album* da illustre romancista, a exc.^{ma} snr.^a D. Maria Peregrina de Souza, *album* que a amisade da referida senhora generosamente me franqueou para além desses, eu copiar outros, alguns dos quaes a seu tempo terei talvez occasião de vos mandar.

Creio que os leitores do *Herculano* receberão affáveis o mimo que assim lhes offerecemos.

I

«Acceito com gratidão, e, se me não fosse offerecido, requere-lo-hia eu, o lugar que se me offerece neste registro da amisade: posso assim ficar de alguma sorte presente aos olhos, como sei que sempre lho hei-de estar ao espirito e ao coração, da mais interessante familia, que reune a todas as graças do Portugal dos bons tempos, toda a cultura e delicadeza dos nossos dias. —

Porto, 2 de outubro de 1854.

A. F. de Castilho. — »

II

«A tristeza é sublime quando num vôo immenso eleva a alma ao seio do mysterio. A alegria é um insulto quando a acorda para a immobilidade da materia. —

Moreira, 4 de setembro de 1856. — J. C. Vieira de Castro. »

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

INNOCENCIO DA SILVA (•)

Registamos neste jornal a triste noticia do falecimento do nosso insigne bibliophilo Innocencio Francisco da Silva, já pelo respeito que nos merecem os trabalhos litterarios daquelle incansavel investigador, já porque foi elle um dos muitos escriptores que teem vindo honrar esta folha com a sua valiosa collaboração. Este periodico allia os respeitos pelo homem á gratidão pelos serviços.

E na verdade que não foram somenos os prestimos de Innocencio. Desde Barbosa Machado, mineiro passionissimo da bibliographia portugueza, não temos conhecimento de outro que neste ramo da litteratura e da historia com mais affinco e mais desamparado trabalhasse. O elogio, se não for verdadeiro, converte-se em sacrilegio á beira da sepultura; por isso diremos sereno e sem preocupações de antiga amisade, o que sentimos do valor litterario do auctor do *Diccionario Bibliographic*o.

Homem de apparence e compostura modesta, tratilhano e affavel, facil em aceitar relações, prompto no conselho ou na informação que alguem lhe pedisse, Innocencio transformava-se de subito em pamphletario verrinoso se por acaso lhe feriam o orgulho. Era tolerante para com todas as opiniões, uma vez que lhe respeitassem a sua.

Se o atacavam, era intransigente e nenhuma razão por mais lucida o convencia. A avidez do trabalho a que se entregara tornara-o irascivel. Era consciencioso, mas como trabalhava sem o auxilio dos novos methodos criticos, de que zombava, rindo-se de *innovações*, nem sempre acertava, aceitando muitas vezes juizos tradicionaes sem discussão.

(•) Este interessante artigo foi escripto, logo apôs a morte do illustre bibliographo, para vêr a luz na revista litteraria a *Harpa*, que nesta cidade se publicou e onde sahiram versos e prosas dos homens mais distinctos do paiz.

Era director do alludido jornal o nosso collaborador J. de Araujo; e entre outros individuos, fallou da *Harpa* o sr. Alfredo Carvalhaes, classificando este periodico como um dos mais notaveis que se publicaram no paiz. (vid. *Gazeta do Porto*).

Citamos o nome de s. s.^a porque este senhor aparecemos agora doutra opinião, despeitado por vêr que a *Harpa* lhe não publicara umas necessidades rimadas, que s. s.^a julga um primor com a independencia e alta critica, proprias do antigo colladorador da *Luz da Razão* do sr. Rosalino.

Voltando ao artigo do sr. dr. Simões Dias, ponto de partida desta digressão, diremos que tendo a *Harpa* suspendido a publicação, nos pezou ve-lo ainda inedito e por isso o publicamos.

(Nota da redacção.)

E' por isso que o seu *Diccionario* tem apenas o valor, e não é elle pequeno, de uma colleção de notícias.

E confessemos que sem os documentos e materias colligidas pela perseverança e patriotismo de Innocencio da Silva, seria impossivel erguer o edificio da historia da Litteratura Nacional.

O *Diccionario Bibliographic*o Portuguez é no seu genero uma das obras mais notaveis que viram a luz na Europa; estrangeiros e nacionaes lhe renderam preito, porque a uns e outros guiou em muitos pontos dos mais intrincados da litteratura e mesmo da historia nacional.

Innocencio da Silva morreu pobre, mas morreu honrado. Convencido da grande efficacia do seu trabalho, recusou sempre as graças com que o governo quiz honra-lo.

O auctor do *Diccionario Bibliographic* foi collaborador distincto da maior parte das publicações de vulto que se fizeram aqui e no Brazil; a Academia das Scienças recebeu-o no seu seio e o *Instituto de Coimbra* conferiu-lhe o diploma de socio effectivo.

Não admira, pois, que tão sentida fosse a perda daquelle notavel obreiro da civilisação portugueza. Se a Innocencio falecia a critica, sobrava-lhe a consciencia. Respeitemo-lo.

J. SIMÕES DIAS.

SPHYNGE

Ma seule étoile est morte et mon luth constellé
Porte le Soleil noir de la Melancholie!

G. DE NERVAL.

Se em teus labios de sandalo vermelho
Borboleteia um pallido sorriso
Parece que entrevejo o paraizo
No immaculado azul do teu olhar.

Desde a loira cabeça ao fino artelho
És um primor de graça feminina
Mais tentadora, elastica e franzina
Do que as deusas dum templo malabar.

Mas ai formosa! a nitida volata
Da tua voz dulcissima de prata
Debalde a escuto em vaga adoração;

Pois qual será o amor que nos embale
Se eu tenho como tú, pomba do valle,
Tetanizado, inerte o coração?

Lisboa — 77.

L. T. DE FREITAS E COSTA.

NO LEITO DA AGONIA

(FRAGMENTO DO ROMANCE «CALVARIO DE MAGDALENA»,
EM VIA DE PUBLICAÇÃO)

Estamos em S. João da Foz.

Contam-se 12 de novembro de 1830.

A natureza caiu no grande silencio.

Tudo repousa no tumulo profundo da noite.

A atmosphera está impregnada de electricidade.

Nuvens cerradas e negras correm desordenadamente, retalhando-se em fragmentos informes; e o mar alteia-se medonho, tocando de espuma o cabeço das pedras e os cômoros arenosos.

O clarão do relampago, sinistro como o bruxulear de uma alampada suspensa sobre um chão de mortos, illumina de quando em quando o grande espaço, dando-lhe por vezes a bella e ao mesmo tempo terrifica apparencia de um oceano de fogo; e a faisca electrica, rapida e sinuosa como as chispas que resaltam do ferro em braza espalmado na safra, descreve, ao atravessar as grandes camadas atmosphericas, uma infinitade de linhas tortuosas, engolphando-se depois no tumulo das aguas com a impetuosidade dum aerolitho.

O estampido do trovão é simulhante ao ruido de uma locomotiva que rolasse por um despenhadeiro enorme; e o som agudo da ventania faz lembrar o sibilar de milhares de pelouros.

Estamos em S. João da Foz, perto do fortim denominado «Castello do Queijo.»

Em uma pequena e mal defendida casa de tabuas, que fazia rosto pela sua situação ás impetuosas lufadas que veem do mar e ás enormes columnas de areia que elles levantam da praia, morava uma familia que se envolvia nos farrapos da pobreza, mas ao mesmo tempo nas sêdas ideaes da honra.

Uma mulher já muito entrada em annos e um individuo na florescencia da vida, eram as unicas pessoas que viviam nesse casebre que se assimilhava, em noites de horrorosa procella, a um cetáceo prostrado ao longo da praia e fóra do alcance das aguas.

Thereza devia contar meio seculo de existencia. Era pobre. Compadecia-se da pobreza alheia. Tinha muito desenvolvido o sentimento da caridade. Avaliava pela sua a desgraça dos outros. As lagrimas teem uma certa affinidade. Para avaliar uma dôr é preciso sentir-a. Avaliar é comparar; e ella bem sabia que a pobreza é o inferno injusto dos que passam a vida encostados á virtude como o cego ao seu bordão.

No rosto da velha havia o não sei quê de sympathetico, de attrahente; e o seu olhar possuia aquelle lume que vem da consciencia, quando immaculada como a

nuvem do Tabernaculo, quando tranquilla como agua de cisterna.

O nome do rapaz era Claudio.

Todos os sentimentos que elevam o homem acima da esphera do commun, que o fazem despertar das chimeras da vida — que são o engano da alma, para que se possa entregar á evangelisaçao do bem — que é a realidade do coração, todos elles existiam em Claudio mais ou menos desenvolvidos. Eram como estrellas que iam despontando umas após outras, até formarem uma constellaçao unica, a constellaçao da virtude — que é o conjunto harmonico de todos os sentimentos.

Tinha então 20 annos.

Thereza era sua mãe.

Ambos se amaram muito. a alma de um era a alma do outro,—o mesmo astro illuminava douos mundos; e a mãe e o filho sopesavam mutuamente o madeiro da existencia, que se tornava menos pesado pelo auxilio de ambos. A esperança servia-lhes de cyrineu, e o amor de luz — na ascençao vagarosa do calvario.

O amor é para os corações o que a solda é para os metaes, a quina para a febre, o calor para a natureza, a gravitaçao para os mundos.

O amor de mãe não tem igual na ordem dos sentimentos; e o sentimento filial alimenta-se desse amor, como a semente se alimenta da terra em que germinou.

Thereza, que assim era o nome da velha, lidava sempre e nunca se sentia cansada; vivia pobramente, mas sempre satisfeita. Quando se sentia um pouco aborrecida por não ter em que se ocupar, desenfadava-se com a roca, á custa da qual ia agglomerando na arca algumas teias de linho, unicos cabedaes da pobreza que trabalha.

Casou com um pescador, homem rude, mas honrado, e a quem Thereza queria muito; porém um dia, aquelle que se abrira mil vezes á rede do desventurado, abriu-se tambem para o sepultar. O oceano como mais forte venceu-o na lucta! E a pobre mulher, ao ver-se sem o companheiro, desfez-se em pranto amargo, abraçou muito seu filho, e pediu-lhe que fosse elle o seu amparo.

Já elle o era ha muito; o seu pedido foi um desafogo.

O pae de Claudio, como conhecesse os muitos escohos do seu modo de vida, quiz que seu filho abraçasse uma occupação que offerecesse menos perigos; e como o rapaz mostrava uma certa tendencia ou gosto para o officio de carpinteiro, arranjou-lhe uma loja na povoação e em breve principiou a ganhar por esse mister o pão de cada dia.

Quando João da Grateira morreu, deixando viuva a sua rede, como o guerreiro a lança em um combate de

morte, já Claudio soccorria a familia com o seu salario.

Pequeno era elle; mas os pobres contentam-se com pouco, pois sabem circumscrever as suas ambições ás estreitezas do lar.

Thereza, depois do falecimento de seu marido, começou a sentir-se doente; e alguns presentimentos de morte vieram alancia-la no meio da viuvez.

A bôa da velha caminhava encostada ao braço do filho que se sentia orgulhoso pelo encargo; e este procurava afugentar com palavras de consolação, trazidas da alma aos labios, os crueis presentimentos que enchiam de sombras o viver de sua mãe.

Claudio era um bom filho.

Thereza era um santa.

Claudio existia na alma de Thereza. Parecia que fora gerado no amago do coração e não no ventre da virtuosa mulher.

E se o Senhor quizesse chamar a si a alma de Claudio, talvez chamassem a de sua mãe: — enganar-se-hia! ...

O amor é como a affinidade; esta reune duas gotas d'agua, confundindo-as, aquelle vincula duas almas, fraternisando-as.

Leitor, entremos no tugurio da pobre Thereza, e demoremo-nos a presenciar por instantes uma scena de lagrimas.

(Continúa.)

SOUZA MOREIRA.

A NOVA MUSA

Ó bellas, o romantismo
Queimou as azas doiradas
Ao celico brilhantismo
Destas novas alvoradas.

Morreu a velha sereia
Que sonhava só quimeras,
Em noites de lua cheia,
No ideal das primaveras.

Deu o nervoso ao luar;
Suicidaram-se as flores;
Para a fome os não matar
Criam pança os trovadores.

As borboletas — coitadas!
De braço dado ás boninas,
Vão fugindo ás alvoradas
No fumo das officinas.

Ó bellas, na nova musa
Ha mais amor e grandeza;
Tem por bandeira — uma bluza
E por hymmo — a Marselheza.

Porto.

XAVIER DE CARVALHO.

ADEUS ÁS MUSAS

Eram bellos esses tempos
Do imperio das nove musas,
Quando o Parnaso sagrado
Era recinto vedado
A umas deidades intrusas...
Eram bellos esses tempos!

Tudo respirava amores,
Em tudo havia poesia!
Perfumes em toda a terra,
Cantos no valle e na serra;
Tudo era mel e ambrosia,
Tudo respirava amores...

Já não ha templos nem deuses
Neste exilio dos poetas;
Tudo é vazio, prosaico e raso,
E as deidades do Parnaso
São mumias absoletas...
Já não ha templos nem deuses!

Hoje, trovam-se umas lôas
Pelos trivios e cafés;
E o sol que doirava os vates
Fez-se lanterna de orates
Em meio de Capilés!
Hoje, trovam-se umas lôas!

Adeus, cebolas do Egypto,
Miragens dos sonhos meus!
Minhas noites de vigilia,
Meus votos á joven Lilia,
Minha pobre lyra, adeus!
Adeus, cebolas do Egypto!

Lisboa.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

PALAVRAS DO EVANGELHO

(A ALGUEM)

Choras porque peccaste! Ó serafim cahido
Se a culpa te empanou a nitidez das azas
Tens essa enorme dôr e a fé em que te abrazas,
Que te hão de ressarcir do grande bem perdido...

Se o aljofar cahe do Azul nas lagrimas da aurora
É que vae a manhã surgir radiosa a bella...
E eu vejo no teu pranto a aurora redemptora;
— Levanta-te, mulher! Ergue-te á luz, estrella!

Perdoa-te Jesus, se a culpa já não medra...
Mulher, não peques mais e esquece os teus martyrios!
Ás vezes nos paíes tambem vicejam lyrios
E quem fôr inocente atire-te uma pedra.

1877.

JAYME FILINTO.

QUADROS HISTORICOS

I

Influencia do clero na dostronização de Sancho II;
e casamento de D. Affonso, o Bolonhez

(Conclusão)

Acompanhava esta mensagem uma carta de D. Mathilde em que bem expressava os seus amargos ressentimentos; era pouco mais ou menos do seguinte theor:

«Senhor — Vim a este Paiz para vêr com que cara justificarias tua infidelidade; mas como temes vêr-me, fazes bem em fugir de mim. Esta carta que te escrevo, é mais do effeito da tua deslealdade que do meu ressentimento. Só aquella é que me podia lembrar este procedimento para te deixar um eterno monumento da tua ingratidão, o que devo á perversidade da tua alma.

Enganada de tuas falsas virtudes, recebi-te em meus Estados; tirei-te da miseria em que te vias; ajudei-te com meus bens e poder que tinha: e porque não restasse outro bem que te fazer, tomei-te em meus braços e em meu proprio leito. Tantas graças e benefícios só serviram de crear mais um perfido ingrato: serás vítima da tua propria ingratidão, e eu assás vingada fico com os teus remorsos.

Comtudo sinto, traidor, apaixonar-me por ti. Ah! que não possa eu aborrecer ainda quem violou tantos juramentos, e foi falso em seu amor, zombando igualmente de Deus e dos homens! Que seja eu tam compassiva, que ainda deseje a tua felicidade e me esqueça dos ultrajes, que fazes ao meu nascimento, e á formosura de que me dotou a natureza! Mas não, debalde meu fraco coração me move ainda a querer-te: algum dia me vingarei como desejo. Algum dia hei-de vêr-te perseguido de teus próprios remorsos: em todas as partes do Mundo subleverei inimigos contra ti: todos fugirão de ti, todos te detestarão, e morrerás no odio de todo o universo. Assim mo assegura, para a minha vingança, um secreto presentimento. Tua fatal ambição te sepultará no mesmo abysmo, onde terás certa a tua ruina; pois ella prepara-te um mar de desgraças, e eu terei a consolação de regosijar-me com as tuas penas.»

Seriam estas, na verdade, as expressões que o amor desprezado e a vaidade offendida lhe ditariam naquella hora sublime em que o espirito débil da mulher se ergue cheio de robustez e de heroicidade; mas com referencia á vinda de D. Mathilde a este reino, apparece-nos uma razoavel refutação no *Catalago das Rainhas de Portugal* de D. José Barbosa.

Sem comtudo reputar documentalmente esta asserção, este erudito historiador tam sensatas e judiciosas

considerações nos faz e taes proposições nos apresenta que nos leva a acreditar que D. Mathilde não viera a Portugal nem della houvera filhos D. Affonso, como pretende Padre José Teixeira, religioso dominicano, Estevão Garibay e outros.

Mas não era para admirar que esta nova Medea atra vessasse os mares, e viesse em demanda do seu perfido Jason. Volta, segundo dizem, de novo para o condado de Bolonha sem nada conseguir de seu marido.

Ferida no seu amor proprio, desvalida e affrontada com um repudio tam ignominioso, leva as suas queixas perante o papa Alexandre IV, que, commovido pela exposição da condessa e da justiça da sua causa, expediu uma Bulla em que declarava nullo o matrimonio de D. Affonso III com D. Beatriz, e só por sua legitima esposa D. Mathilde.

Agora que o poder real estava mais solidificado, não teme Affonso as excommunhōes, que afastaram do throno a Sancho II. Por isso ouve o trovão da excommunhão e do interdicto no reino com a mesma indiferença com que ouvira as sentidas expressões de D. Mathilde.

Outro dever mais sagrado — os interesses politicos da nação que a Providencia lhe confiara para dirigir e governar, lhe fez proferir, ao terminar a mensagem e a leitura da carta da condessa de Bolonha, — que — «se os interesses do Estado o pedissem, casaria ainda com terceira mulher.»

É que Affonso III era mais politico do que christão, diz ainda comosco o historiador José Barbosa.

Desenganada portanto D. Mathilde de que seu marido não se movia nem por ameaças nem por blandicias, passou os seus ultimos dias traspassada de desgostos, no condado de Bolonha, onde falleceu no anno de 1262; e por dar-lhe uma ultima prova do seu affecto, deixou a D. Affonso III no seu testamento, 20 mil libras e mais quatro mil que a ella deviam os condes de Flandes.

A actividade, a justiça com quē dirigi o seu governo e a firmeza de vontade que presidia a todos os seus actos, eram os dotes que mais caracterisavam este monarca. Se só attendermos ao proceder desleal e perfido, como se houve com seu irmão; á frieza e ingratidão com que ouve as queixas sentidas da sua esposa repudiada; e á quebra dos juramentos que firmara em Paris; não encontramos razões que o absolvam, senão as que o accusam de desmedida ambição. Mas se attendermos ao fim a que se proposera, quando enthronizado, de dar robustez interna e externa á nação; á dificilosa situação do paiz que o forçou a apparentar-se com o rei de Castella; e sobre tudo á fraqueza do poder real perante a preponderancia das Mitas que pretendia dispor das Corôas, e a prepotencia dos baculos que

pretendia fazer inclinar os sceptros; taez actos justificam até certo ponto o proceder de Affonso III.

A Historia presta um dever sagrado, destacando o vulto deste monarca entre os que se erguem aureolados de gloria, no vetusto portico do edificio da nossa independencia e liberdade.

ALMEIDA CHAVES.

NA TUA DOENÇA

I

Não te deixo morrer, anjo do bem,
A vida é sonho bello, acorda á vida!
E bebe a luz do sol, estremecida,
Que nasce dum olhar de tua mãe!

Em volta do teu leito, ninho santo,
Ha lagrimas que choram as manhãs,
Tão frescas e tão castas como o pranto
Das auroras do Céo, tuas irmans.

Tu és tão bella assim! Entre os arminhos
O teu rosto mais puro que o alabastro
É para mim como se fosse um astro:
— O pharol que alumia os meus caminhos.—

Descerra o teu olhar assetinado,
Que vês? — Teu pae chorando junto ao leito,
E eu perto delle a comprimir no peito
Meu triste coração despedaçado!

II

Sentido dentro em mim a revolver-se a lava
Desse grande volcão, chamado — o sofrimento —
Um dia em que eu julguei que a morte m'a roubava
Ergui a minha voz ao vasto firmamento.

E disse: «Ó Deus, ó Pae dos desgraçados,
Perdão, Senhor, perdão,
Se ella padece o mal dos seus peccados
Não deve soffrer, não,

«Porque é tão pura e casta como as rosas,
Ou como as aves, quando
Vão descerrando as pétalas mimosas,
Ou pelo azul voando.

«No seu bom coração ha fé, ha crença
Em ti, doce Jesus;
Eu tenho-a visto muita vez de rastos
Aos pés da tua cruz!

«Men Deus, eu quero ama-la doidamente
Com um profundo amor;
Mas ella assim tão débil, tão doente
Pode morrer, Senhor!

«Dae-lhe saude, prolongae-lhe a vida
Pois que te custa, ó Deus,
Deixar á terra ao menos um só anjo.
Se ha tantos lá nos Céos?!

III

Foi escutada a minha prece e pude
Ver que hoje, ó noiva dos jardins divinos,
Deus entrelaça em teus cabellos finos
As opulentas rosas da saude!...

Coimbra, dezembro de 1877.

A. H.

À REACÇÃO

Em quanto em letras d'ouro a portugueza Historia
Nas páginas escreve o nome de Herclano,
Roma, no seu fervor catholico-romano,
Ousa chamar-lhe um ímpio e insulta-lhe a memoria!

Impios sois vós, só vós, que ao Vicio daes ingresso,
Que apedrejaes, da sombra, a estatua do Futuro!
Só vós, que aniquilaes tudo o que é santo e puro
Nessas excommunhões, malditas do Progresso!

Lá, sobre o Vaticano onde agonisa um velho,
Talvez que cedo... eu sei!... desdobre-se a mortalha;
E então desejareis que os filhos da *gentalha*
Vão insultar a Morte, em face do Evangelho?...

A Morte que se esconde em rendas e velludos,
Exposta na capella ardente, fumeraria;
Que incita as ambições da curia visionaria
Que os papas santifica em seus desejos mudos...

Em quanto em Portugal, sózinho, em pobre aldeia
Onde eu vejo cahir as lagrimas dum povo,
Um cadaver se occulta! A cova é um mundo novo...
Brilhante luz innunda-a... é a luz da Nova Idéa!

1877.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

ANNUNCIOS

COLLEGIO FRANCEZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 166

Instrucção primaria, secundaria e superior; linguas modernas ensinadas por professores das respectivas nações; metodo racional e seguro; educação moral e religiosa em harmonia com os verdadeiros principios da pedagogia.

Tan.bem ha nesta casa cursos diurnos e nocturnos de francez, inglez, allemão, commercio, &c. &c.

Dão-se lições particulares.

O Director,
C. L. d'Archambeau. (2)

CONFEITARIA OCCIDENTAL

DE

MANOEL JOSÉ DO LAGO
206—CEDOFEITA—208

HA neste estabelecimento grande sortimento de bolacha ingleza, cerveja ingleza e nacional, licores, nacionaes e estrangeiros, conservas, mostardas, massas, e muitas qualidades de doces finos. (12)

Enfeitam-se taboleiros

FREIXO

CONVIDA os seus amigos e freguezes a visitarem o seu novo armazem central de fato feito, rua do Almada n.º 18, praça de D. Pedro, 59, que está completamente sortido de fazendas proprias da estação actual, e roupas feitas para todas as medidas, casacos e polainas da verdadeira casimira impremiavel. (13)

PIRES, LOPES & C.º

LARGO DOS LOYOS N.º 82 — 4.º ANDAR

COMPRAM e vendem papeis de credito, nacionaes e estrangeiros, inscripções e obrigações dos caminhos de ferro. Descontam promissorias dos Bancos Commercial de Viana, Commercial de Braga, Banco do Porto e letras de cambio; compram os coupons da dívida interna e externa de Hespanha. Recebem dinheiro á ordem e á prazo fixo, abonando juro. (6)

NINGUEM FICA ALEIJADO!!

147—Rua do Laranjal—147

Fazem-se apparelhos orthopedicos applicaveis a diferentes aleijões que appareçam no corpo humano, e pernas artificiaes a imitar as naturaes:

Fundas de pressão graduada por uma chave, que sustentam toda a qualidade de roturas e nada incommodam, muito apreciadas dos meus numerosos freguezes do Porto e das provincias.

Fazem-se tambem cintos para sustenter o ventre e tudo o mais concernente á arte orthopedica; preços muito reduzidos. (3)

NOVIDADE!!!

Já chegaram os copos de vidro temperado, para agua e vinho que os jornaes estrangeiros teem classificado como incobraveis. Vende-os Casimiro de Sousa Fontes. (14)

26—RUA DE D. PEDRO—28

RELOJOARIA GARANTIDA

DE

PAULO & FILHO

73—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—73

Tem á venda relogios de todas as qualidades.

Tambem concerta os mesmos com perfeição.

PREÇOS RAZOAVEIS (7)

BILHETES DE VISITA, DE CASAMENTO E DE LUTO

Rua de Santo Antonio 41, junto á casa Buisson. (8)

ANDRADE

RELOJOIRO

25—RUA NOVA DE S. DOMINGOS—27

Relogios superiores de ouro e prata para homem e senhora. Relogios de meza e parede americanos e franceses. Calendarios perpetuos. Instrumentos, de marinha estantes e sextantes, bussolas, barometros aneroideos, binoculos.

Todos os relogios serão attenciosamente reparados e regulados.

Preço igual para todos. (9)

MERCULANO

Revista quinzenal de litteratura, collaborada por distintos escriptores e consagrada á memoria de Alexandre Herculano.

A todos os senhores assignantes desta publicação, será distribuido, como brinde, no fim do 1.º volume, o retrato do falecido historiador, primorosamente executado.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal	Brazil
Anno	960 Anno.....
Semestre	480 Semestre

Para as provincias a assignatura é paga adiantada.

Recebem-se annuncios e comunicados, quando estes venham assignados e legalmente reconhecidos, para serem publicados nas capas do jornal a 20 réis por linha.

Todos annunciantes sendo assignantes de anno, pagarão 10 réis somente, gosando além disso o abatimento de 10 por cento.

Originaes enviados á redacção não se restituem, sejam, ou não, publicados.

Escriptorio da Redacção — rua do Almada n.º 567. — 1.º andar.

UNIÃO



(CASA APALACADA)

Este estabelecimento tem artistas que praticaram nos melhores ateliers estrangeiros, achando-se habilitados a photographar, segundo os processos mais modernos e com o retoque indispensável, que tanta aceitação tem tido do público.

O proprietário concluiu melhoramentos consideráveis no atelier e mais dependências, podendo satisfazer cabalmente a todas as encomendas concernentes á sua arte.

Perfeição nos trabalhos e modicidade nos preços: provas á vista.

Toda a imprensa periodica do Porto tem assignalado a photographia UNIÃO com palavras de subido louvor, acabando de receber do governo de Sua Magestade o honroso diploma de PHOTOGRAPHIA DA CASA REAL.

Este atelier tem sido visitado por muitas pessoas notáveis, entre as quais se conta Sua Magestade El-Rei o snr. D. Luiz I, o grande tribuno hespanhol Emilio Castellar, o primeiro jornalista portuguez o snr. Antonio Rodrigues Sampaio, ex-ministro do reino, o snr. Antonio Cardoso Avelino, ex-ministro das obras publicas,

(1)

DENTES

COLLOCAM-SE desde um até completas dentaduras e por todos os sistemas conhecidos, garantindo-se a solidez e perfeição, e por preços muito razoáveis. Rua de Santo Antonio n.º 160, em casa do conhecido dentista Furtado & Irmão.

O mesmo continua tendo á venda os seus acreditados elixires para a conservação e limpeza dos dentes, sendo um bom preservativo contra a dor e caria dos mesmos.

(4)

Á VENDA

Lumes succos legítimos, 1.ª qualidade.

Lumes inglezes em caixas de folha.

Tijollos refractarios inglezes.

Tijollos para lmpar os metais,

Cognac, Licores, Champagne, Bordeus &c. &c.

Preços reduzidos. Desconta-se para revendedores.

Ferraria de Baixo, 118 1.º andar.

(5)

TABACARIA LUSO-ITALIANA

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortimento de tabacos nacionais e estrangeiros e um deposito de perfumarias escolhidas.

Praça da Batalha — (baixos do Theatre de S. João.)

244

N.º 3

1.º ANNO

HERCULANO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA

À MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

REDACTORES

TEIXEIRA DE CARVALHO
ALMEIDA CHAVES

ADMINISTRADORES

GOMES
ALIVEIRA
RICARDO CONTE REAL

SUMMARIO

- | | |
|---|--|
| I — <i>Castigo do Céu</i> — por Rangel de Lima. | VII — <i>Em Roma</i> (poesia) — por Francisco d'Almeida. |
| II — <i>Mimosa</i> (poesia) — por Gonçalves Crespó. | VIII — <i>Ruy Blas</i> — por Luiz Botelho. |
| III — <i>Curiosidade bibliographica</i> — Fernando Castiço. | IX — <i>O Jesuita</i> (poesia) — por Manoel Sardenha. |
| IV — <i>Mors-Amor</i> (poesia) — por Anthero de Quental. | X — <i>Sentenças da inquisição em Portugal</i> — por Pereira Caldas. |
| V — <i>De Campoamor</i> (poesia) — por Joaquim d'Almeida Raujo. | XI — <i>Num Album</i> (poesia) — por Teixeira de Carvalho. |
| VI — <i>Convite de Pan</i> (poesia) — por Thomaz Ribeiro. | |


VOLUME PRIMEIRO

REDACÇÃO

RUA DO ALMADA N.º 567 — 1.º ANDAR — PORTO.

BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido ultimamente as seguintes publicações que muito agradecemos:

A Dama das camelias. — *decimo volume da Bibliotheca Pedro Corrêa.*

E' desnecessario mais uma vez lembrar o merito deste romance. O seu elogio principia com o nome laureado de Alexandre Dumas, filho, e finalisa com a morte commovedora de Margarida Gautier. Naquellas paginas impregnadas de sentimento, encontra se o realismo duma creatura arremessada ao lodaçal do vicio, porém tarde regenerada.

Julio Janin, no seu prefacio, escreve, referindo-se ao romance-modelo de Dumas: — «... é natural que eu ficasse espantado, quando appareceu este livro de tão vivo interesse, e sobretudo de uma realidade palpitante, incontestável, que se chama *Dama das Camelias*.

A tradução é esmerada e honra o snr. Guimarães Fonseca.

Leituras populares. — *Jornal mensal de que é redactor e proprietário o snr. P. Luiz Bernardino de Carvalho Pacheco.*

Temos sobre a nossa banca de trabalho os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8, pertencentes ao 7.º volume do 2.º decénio desta publicação lisbonense, destinada á propaganda religiosa por meio de romances, poesias, narrações, etc.

Cada numero tem 32 paginas.

Museu illustrado. — *Album litterario, mensal, de que é director geral o autor dos VISLUMBRES, o snr. David de Castro e administrador o snr. Arnaldo Rocha.*

Tivemos occasião de avaliar os dous primeiros fasciculos desta nova revista portuense, onde colaboraram os mais distintos escriptores de Portugal, como Thomaz Ribeiro, G. Castello Branco, João de Deus, Gomes Leal, Pereira Caldas, Rodrigues de Freitas, Amelia Janny, Clorinda Macedo, Augusto Luso, Eça de Queiroz, João Penha, Joaquim de Araujo, Gonçalves Crespo, Alfredo Campos, Jayme Victor, e outros.

Os dous fasciculos pertencem aos meses de Dezembro e Janeiro e trazem duas lindas gravuras, representando uma, as *Scenas da idade media* e a outra a *Morte de Molière*.

A apparição do *Museu Illustrado* era uma necessidade e foi um bem para o Porto, que principiava a cobrir o rosto, cheio de vergonha, pelo estado de decadencia em que jazia, decadencia principiada e augmentada pelas doutrinas escriptas em nullidades, chamadas litterarias, redigidas por vangloriosos insultadores da Scienza — creaturas mercenarias, e corrompidas pelo veneno dos maus costumes.

Felizmente ainda é costume arremessar aos antros do Desprezo as podridões da Inepcia...

A Renascença. — *Orgão dos trabalhos da geração moderna. Publicação mensal.*

Saiu á luz o 4.º numero desta excellente revista que em tempo annunciamos aos leitores do *Herculano*.

A Renascença pelo que deprehendemos da sua leitura, longe de se dedicar a banalidades proprias de intelligencias mesquinhos, pretende ser um jornal em continuaçao ao *Panorama*, porém com um ideal muito mais completo e moderno.

Collaboram no fasciculo que temos presente os snrs. João de Deus, Alexandre Herculano, P. de Amorim Vianna, Theo-

philo Braga, Correia Barata, Anthero de Quental, Adolpho Coelho, Joaquim de Vasconcellos, Rodrigues de Freitas, Ramalho Ortigão, Pedro de Lima e Joaquim de Araujo.

Acompanham o dito fasciculo um bonito retrato do nosso apreciavel collaborador João de Deus e uma outra gravura de pagina. A edição é esmeradissima.

* * *

O Ensino, n.º 7 — *Jornal do Collegio Portuense, dedicado aos paes. Director e proprietário o snr. Patricio P. Alvares Ferreira.*

O Ensino é mais um orgulho para a Historia do jornalismo litterario contemporaneo. Foi-nos obsequiosamente enviado o n.º 7 que vem como sempre collaborado com distinção e mimo. Neste numero o conhecido escriptor D. Antonio da Costa conclue um bom artigo sobre a *Educação*.

Os nossos parabens ao digno proprietário do Collegio Portuense e director do *Ensino*.

* * *

Accusamos tambem a recepção do *Instituto* n.º 7 da segunda serie, XXIV anno, e do *Seculo* n.ºs 5 e 6 da segunda serie, de cujas publicações nos ocuparemos em o numero seguinte.

NOTICIAS LITTERARIAS

O nosso collaborador Gomes Leal, o poeta mais original dos que ultimamente tem surgido no campo das letras, vae dar á luz brevemente o seu formoso poema o *Anti-Christo* de que já tivemos o gosto de publicar um fragmento nas colunas do *Herculano*.

Esperamos com anciadade o novo trabalho do auctor das *Claridades do Sul*.

* * *

Francisco de Almeida, moço de reconhecida intelligencia e tambem nosso collaborador, vae dirigir a publicação de um *Diccionario Universal*.

* * *

Por um prospecto que nos foi apresentado vemos que o snr. Manoel José do Lago vae editar um romance original açoriano intitulado *Helena, a filha do judeu*. É seu auctor o snr. Frederico Aldoar.

Assigna-se na rua de Cedofeita, 206.

EXPEDIENTE

Temos recebido nesta redacção os seguintes jornaes:

El Nuevo Figaro, Diario de Portugal, Democracia, Museu Illustrado, Commercio de Villa Real, Ensino, Renascença, Coimbricense, Correio do Ave, Aurora do Lima, Penafidelense, Bohemia, Jornal Academico, Imparcial, Progresso Pombalense, Estrella Povoense, Boletim do Foro Portuguez, Bombeiro Portuguez, Serrote, Aurora do Cava- do, Bejense, Campeão Villanovense, Distrito de Faro, e Ribeiro.

A todos muito agradecemos a prova de camaradagem jornalística.

O CASTIGO DO CEU

Estamos num casal situado em S. Miguel do Eja, uma das mais pittorescas aldeias da fertil província do Douro. A vista alonga-se por um extensíssimo tapete de verdura, ao fim do qual só se veem as aguas do Tamega indo ao encontro das do poetico rio, que banha os campos onde por ventura se produz o melhor vinho do mundo.

Defronte do casal, entre um renque de carvalheiras pelas quaes trepa louçamente vestida de esplendida folhagem a sepa que dá a uva verde, erguia-se um magesto cedro, que era o pasmo de quem o contemplava.

As senhoras do casal, pertencentes á melhor sociedade do Porto, estavam admirando comigo o bonito panorama que se disfruta das janellas, quando, subitamente, começaram as nuvens a encastellar-se, o ceu a escurecer, e estalou uma trovoada medonha.

Os relampagos succediam-se uns apôs outros, e o trovão retumbava no espaço logo em seguida ao relampago.

Eu sentia-me maravilhado por aquelle assombroso espectaculo, e fazia comigo as mais extravagantes considerações. Nisto chegou a meus ouvidos uma resa monotonâa e compassada, que parecia de donzellâa fugidas ao mundo e encerradas para sempre entre os ferros de um claustro.

Quando me voltei para perguntar se havia algum convento proximo, foi que percebi que estava só. O que eu ouvia era a voz das senhoras, que amedrontadas, resavam em côro a *magnifica*, na capella do casal.

Um dos relampagos, porém, allumiou a casa, deixando-me ver sentada numa cadeira ao fundo, a mais nova das senhoras, uma creaturinha gentil como as que nos descrevem os poetas.

Perguntei-lhe:

- V. exc.^a não foi resar?
- Não — me respondeu ella. — Acho inutil.
- Porque?

— Porque as trovoadas ou são um phenomeno physico, como affirmam os sabios, ou um castigo de Deus, como lhe chamam as pessoas religiosas. Se são um phenomeno physico, a natureza não attende com certeza ás minhas rezas; se são um castigo de Deus, como eu creio, não careço de rezar para me preservar desse castigo, porque o não temo. Considero o Senhor bastante justo para me não castigar tão rigorosamente, não sendo eu criminosa.

— Acho admiravel o seu raciocinio. Não se considera então criminosa aos olhos de Deus?

— Nem criminosa nem sequer peccadora. Amo meus paes, obedeço-lhes cegamente, sou caridosa, não quero

para ninguem aquillo que não quero para mim... Como hei de eu ser peccadora ou criminosa, se faço tudo isto naturalmente, sem calculo de especie alguma?

— Tem muita razão... e ainda mais religião. Só me admira que v. exc.^a dotada de tão esclarecido espirito, creia que as trovoadas são um castigo de Deus, e...

Não pude terminar. Uma faísca electrica soltando-se das nuvens, fendeu o cedro fronteiro, derrubando-o inteiramente e quasi que assombrando-nos.

Quando tornei a mim, vendo que a minha interlocutora, consciente da sua pureza e innocencia, estava mais tranquilla do que eu, disse-lhe sorrindo:

— As suas theorias, minha senhora, acabam de ter um desmentido formal da natureza. Aquelle cedro tambem era inocente, e foi ferido pelo raio.

Ella não me respondeu.

O ceu limpou, e á tempestade succedeu o esplendido dia que estivera de manhan. Sahimos todos, e fomos vêr os effeitos da faísca. Ao approximarmo-nos, senti que alguém me apertava um braço, e me fallava ao ouvido. Era a minha gentil argumentadora, que, apontando para uma mouta de rosas desfinhadas, me dizia:

— Veja. Era inocente o cedro? A sua sombra não deixava medrar aquella roseira.

RANGEL DE LIMA.

MIMOSA

Tens a doçura casta
Dum passaro dormindo
Teu labio róseo e lindo
Idéas vis afasta.

Na tua fronte vasta
Solétrio um poema infindo...
Sorver-te o auento, basta
Para morrer sorrindo,

Cahiste nos mens braços
E as nuvens dos espaços
Poderam ver-te, flor,

Tão pura como as brasas,
Mais pura do que as azas
Dos anjos do Senhor.

GONÇALVES CRESPO.

CURIOSIDADE BIBLIOGRAPHICA

Entre os numerosos livros portuguezes-antigos que posso, ha um cuja edição tem sido ignorada dos nossos bibliographos antigos e modernos. Pelo menos não encontro indicação alguma della nos que tenho consultado, nem sei que exista algum exemplar em bibliotecas publicas ou particulares.

É a edição de Coimbra de—1548—da «*Meditação da morte e paixão do senhor, em estylo metrificado*»,—do franciscano Antonio de Portalegre.

Na *Bibliotheca Lusitana*, faz-se apenas menção do original portuguéz, indicando-se tres edições da versão hespanhola, a de 1541, a de 1548, e a de 1581. Ha nisto confusão. O *Diccionario Bibliographico* parece provar que nunca existira a de 1541, e diz que a este respeito se enganara Ribeiro dos Santos nas suas *Memorias para a typographia lusitana*.

No mesmo *Dicc: Bibliogr:* menciona-se uma edição do original portuguéz com a data de 1547. É desta edição que se occupa o snr. Martins de Carvalho no numero 2101, do seu curioso e interessante periodico—*O Conimbricense*.

O auctor do *Dicc: Bibliogr:* dá no vol: I, pag. 240, o seguinte specimen da edição de 1547:

«O altissimo e imenso / eterno d's verdadeyro
o muy benigno Jesu / grād' saluador do mūdo
q̄ por tua piedade / e por tua grāle crenencia
vēcido de teu amor / e doendote da perda
da chorosa perdiçam / e destruyam humana
em tua alta magestade / e natureza diuina
quiseste senhor — &.

Agora, um specimen da edição de 1548, correspondente ao mencionado no *Dicc: Bibliogr:*

«O altissimo e immenso / eterno deus verdadeyro
o muy benigno Iesu / grāde saluador do mundo
que por tua piedade / por tua grande clemencia
Vencido de teu amor / & doendote da perda
da chorosa perdiçam / & destruyā humana
em tua alta magestade / & natureza diuina
quiseste Señor &

Esta edição não é em gothico nem em 4.^o como a de 1547, segundo Innoc: É em 8.^o: falta-lhe o rosto, estando todo o livro em optimo estado de conservação. Na folha CLXV, acha-se deste modo a seguinte subscripção:

Foy empressa a presente obra
em a muy noble & sempre leal Cidade
de Coimbra. Acabousse a Quinze
Dias do Mes de Dezembro
Año de nosso Saluador
Iesu Cristo de.
M. D. XL. VIII.

Na folha III, em cujo verso se lê o specimen transscripto, lê-se o titulo que é muito mais extenso que o dado no *Dicc: Bibliogr:* É assim:

MEDITACAM DA SACRATISSI / ma morte & payxā
de nosso Señor: em / estylo metrificado. Composta per
bū / pobre frade de sam Frāscico: da pro / uincia da piedade.
Dirigida & dedica / da ao altissimo & diuinissimo
principe / Iesu Christo, Senhor & emperador, Cri / ador,
da redōdeza, Redēptor da geracā / humana. E a muyto
alta & muyto es / clarecida Princesa, Raynha & ēperatriz
/ dos céos & da terra: a gloriosissima vir / gē Maria nos-
sa Señora. Que po / ys ābos por sua misericordia / ho
deram: ambos por / ella mesma ho / Recebam.

A fraze—*novamente composta*—que se lê no titulo da edição descripta no *Dicc: Bibliogr:* parece dar a entender que houve edição anterior. Será a de 1541? É certo que não tenho conhecimento de exemplar algum existente em livraria publica ou particular, nacional ou estrangeira.

Innoc: afirma que o original portuguéz é de 1547; Barb: cita por informação a edição de 1541; e Nicol. Antonio nem indica na sua *Bibliotheca Hispana*, a edição de 1541 nem a de 1547: menciona duas de 1548 *tam Luzitane quam Castellane*; mas não diz o logar nem o nome do impressor.

É provavel que o meu exemplar seja desta edição portugueza; embora não saiba explicar, o porque foi que todos os nossos bibliographos consultando a *Bibliotheca Hispana*, nem sequer alludem á edição portugueza de 1548!

O livro consta ao todo de 172 folhas, mas pára a numeração a folhas CLXV. Depois seguem-se as—*Trovavas que fez o autor pera hūs passos &*

O estylo do pobre frade, é o mais franciscano que pôde ser. Até a *Bibliotheca Lusitana* sempre propensa ao elogio, chama-lhe «mais devoto que elegante».

Parece ás vezes duma candura infantil, o frade. A singeleza do tempo tudo permittia; e o aproveitamento das almas devia ser grande, sabendo ler, como o auctor recommenda, o seu estylo metrificado. O grandissimo drama da—Paixão—tratado pelo ingenuo franciscano nem chega a ser—comedia—, parece uma—parodia.

Eu sempre aqui vou copiar essas linhas. É o auctor a fallar com Christo no Horto, no verso de fl. XIII:

Rogas meu d's por ti mesmo
tua diuīdade mesma
& oras dēntro na horta
por diuinal ordenanca:
porq assy como na horta
se começou nossa culpa
assi na horta tambem
se comece tua pena.

Eis ahi está o para que dá o jardim das Oliveiras, e o paraíso terrestre, em «estilo metrificado» — uma horta... Não ha porque a gente se admire de ter Adão *es-corregado*, ante a amoravel tentação de se ver longe dos nabos e das couves.

Se o nosso franciscano fez em 1548, do jardim das Oliveiras uma horta, o traductor francez dos *Colloquios* de Garcia da Orta, transformou-lhe o appellido, fazendo-lhe em 1619 da Orta — um jardim — Compensações!

O auctor ensina a ler bem a sua obra, e explica a cousa dum modo consolador para o leitor devoto. O verso tem *a todo o correr* dezeseis syllabas, mas o frade poz-lhe uma *verga* no meio para dividir um metro do outro.

O melhor é copiar as regras da poetica do frade para alento de poetas novos, e ensinamento de criticos superficiaes.

São assim:

«*Esta maneira de metro se chama em latim carmen solutū: porque não iaz debaxo de algūia ley de metreficadura, & desta calidade he aqllē hymno de nossa Señora q̄ começa Aue maris stela, quāto ao gēnero mas nam quanto a specia, o metro todo iunto a te o cabo vay medido em dezasseis silabas & estas dezasseis vam partidas polo meyo em douis pes de Trouardarte meam que tem oyto silabas cada hum & por isso pera se ler bem a sse de ler propriamente como trouas, fazendo de cada metro inteyro douis metros meaōs & isto lhes mostrara húa verga que está no meo que diuide um metro do outro. Porē os cabos dos metros inteyros ainda q̄ acabem em dissoātes acaba na mesma letra, & assy como nos metros latinos, & trouas vulgares onde se acertão duas vogais húa diāte de outrā a de diante cōsume na pronūciacām a de detras de maneyra que ambas se pronunciā por uma soo syllaba a ssi se a de fazer aqui, o qual eu deyxo a discrīcā dos deuotos lectōres» etc.*

A transcripção é extensa mas substanciosa, e faz lembrar pela clareza e concisão, alguns dos compendios aprovados pelo supremo conselho d'instruīção publica destes reinos, para uso das escholas primarias e... superiores.

Falta dizer que comprei por 10 sch. em Londres (em 1874) a *Meditaçāo*, do franciscano Portalegre.

Que voltas deu o livrinho desde que saiu dos prelos de Coimbra, até ir parar no grande armazem de livros de Bernard Quaritch, da rua Piccadilly?

Braga.

FERNANDO CASTIÇO.

MORS-AMOR (*)

Esse negro corcél, cujas passadas
Escuto em sonhos quando a sombra desce
E, passando a galope, me apparece
De noite nas phantasticas estradas,

Donde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro d'expressão potente,
Formidavel nos gestos e no porte,
Vestido d'armadura reluzente,

Cavalgā a fera estranha sem temor.
E o corcél negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

ANTHERO DE QUENTAL.

DE CAMPOAMOR

Quando a noite chegou, noite d'incanto! —
Afastada de mim
Dissē-me entāo: «Porque te acereas tanto?
«Eu tenho mēdo de te ver assim!

Mas quando o sol amuniciava o dia,
Enleando-me ao scio de marfim,
Oh! não te afastes tanto! — me dizia,
«Se tu foges, amor! pobre de mim!

Lisboa, 6 de fevereiro, 1878.

JOAQUIM D'ARAUJO.

(*) Encontramos este bello soneto no album do sr. José Correia de Magalhães que recentemente nos veio à mão. Precediam-no as seguintes linhas do nosso talentoso collaborador, o sr. Joaquim d'Araujo. «Tenho ha 6 mezes o seu album em meu poder e tanto aqui, como em Lisboa, nada fiz que possesse entrar nestas paginas. Felicito-o, porém, porque em vez duns maus versos meus lhe deixo o soneto mais bello e mais opulento que eu conheço, escrito em lingua portuguesa, e como verá, até hoje, a mais admiravel concepção do meu amigo Anthero do Quental. Enquanto esse soneto se não publica peço-lhe que não deixe tirar as copias delle, que necessariamente lhe hão de ser pedidas.

Porto 8 de janeiro de 78.

JOAQUIM D'ARAUJO.

O nosso collaborador provavelmente queria este soneto para a sua *Renascença*, nós antecipamo-nos a publicá-lo, já que nos caiu entre mãos, cometendo um pequenino abuso, de que pedimos desculpa ao nosso amigo e collaborador e aproveitando a occasião para saudarmos em Anthero do Quental, um dos talentos mais possantes que tem aparecido na Europa.

NOTA DA REDACÇÃO.

Thomaz Ribeiro, Santos Valente e A. Xavier Rodrigues Cordeiro, tres escriptores distintos, dotados de uma intelligencia robusta e de uma imaginação ardente e inspirada, vão publicar em volume traduções das mais bellas poesias da Grecia.

Hoje, terão os nossos leitores occasião de avaliar um mimoso specimen do alludido trabalho — honra que nos foi obsequiosamente conferida pelo illustrado poeta do *D. Jayme e dos Sons que passam.*

CONVITE DE PAN

(TRADUCCÃO DO GREGO DE UM ANONYMO)

Vem assentar-te á sombra
Deste pinheiro enorme!
Sobre a gramínea alfombra
Recosta os membros — dorme!

Modulo branda e cauta
Em trilhos bem suaves
A voz da minha flauta,
Como um colloquio d'aves.

Teu halito suavisa
Com seus rosaes o monte,
Com seu cicio a briza,
Com seu rumor a fonte.

Eu cantarei um canto
De sôfregas caricias,
Tu sentirás no emtanto
Effluvios de delicias.

THOMAZ RIBEIRO.

EM ROMA

(NUM ALBUM)

Yonis é bella e orgulhosa; ha tempo
Que, por zélos, quebramos nossos laços.

Hontem vi-a no circos — era uma deusa!
Estava eu mais Corima,
A egregia cantatriz de eburneos braços,
Loura romana de expressão divina,
De encanto irresistivel.

Yonis, com um sorriso indefinivel,
Fez o leque de nácar em pedaços.

Lisboa.

FRANCISCO DE ALMEIDA.

RUY BLAS

(DRAMA EM 5 ACTOS, EM VERSO, DE VICTOR HUGO)

Acto III — Scena III

A rainha, *ao fundo*

Oh! obrigada!

Ruy Blas

Céos!

A rainha

Obrigada por tudo o que lhes disseste! Não posso resistir, duque, e essa mão leal, tão firme e tão sincera, é preciso que eu vo-la aperte!

(Caminha vivamente para elle, e travando-lhe da mão, aperta-lha antes que elle possa esquivar-se.)

Ruy Blas

(A' parte.)

Vê-la de repente, evitando-a ha seis mezes!

(Alto.)

Estaveis ahi, senhora?...

A rainha

Estava, duque, e ouvi tudo... Oh! escutava-vos com toda a minh'alma!

Ruy Blas, *indigitando o escondrijo*

Emfim, eu não suspeitava... que este gabinete, senhora...

A rainha

Ninguem o sabe. E' um escondrijo que D. Philippe III mandou abrir na parede, e por onde se ouve tudo sem que nos vejam. Carlos II, sombrio e melancolico, dali assistiu muitas vez aos diversos conselhos, em que roubavam os seus bens e vendiam o Estado.

Ruy Blas

E elle que dizia?

A rainha

Nada.

Ruy Blas

Nada! — Mas ao menos, que faria?

A rainha

Distrahia-se na caça. Mas vós! ainda me resôa nos ouvidos aquella entoação ameaçadora. Que soberancia nas vossas palavras, e como tinheis soberbamente razão! De vez em quando soerguia o reposteiro, e via-vos... Irritado, mas sem rancor, o vosso olhar fulminava-os de relâmpagos, á medida que lhes deitaveis tudo em rosto. Parecia-me que só vós permanecieis de pé! Mas onde aprendestes aquillo tudo? Porque motivo não vos é estranho nem o efeito nem a causa? Portanto, nada existe que vós ignoreis? Qual a razão de vos exprimires como deviam faze-lo os soberanos, e porque ereis vós, á imagem do proprio Deus, tão imponente e grandioso?...

Ruy Blas

Porque vos amo! porque eu, a quem todos elles aborrecem de morte, bem presinto que desabará sobre vós o que esses homens arrazarem! Porque esta paixão immensa, e por isso mesmo intemerata, ninguem me intimida, a mim, que para salvar-vos, salvaria o mundo! Oh! eu sou apenas um desgraçado que vos ama desesperadamente, — e como o cego pensa no dia, assim eu penso em vós. Senhora, escutae-me: eu tenho sonhos sem numero, e amo-vos de longe, cá debaixo, na treva da minha vida; não ousaria tocar-vos ao de leve num dedo só que fosse, e offuscaes-me, como a deslumbrante apparição de um anjo! — Eu tenho sofrido muito, na verdade! se vós soubesseis, senhora!... Mas olhae: ha seis mezes que vos fugia, occultando a labareda que me devorava as entradas! Fugia-vos e o meu sofrimento era atroz... Que me importam esses malvados!... — Amo-vos! — Oh meu Deus! e atrevo-me a declara-lo frente a frente a Vossa Magestade... Que é preciso que eu faça? se disserdes: «Morre!» morrerei... Mas o meu coração convulsiona-se... Perdoae me!...

A rainha

Oh! dize mais! enleva-me! Ninguem me fallou ainda como tu. Eu escuto: fallando á minha, a tua alma revolve-me totalmente. Preciso dos teus olhos e é-me necessaria a tua voz. Oh! não eras tu: era eu quem sofreria! Se soubesses! cem vezes, sim, cem vezes, são quantas o teu olhar me tem fugido ha meio anno... — Eu, porém, não devo declarar-me com tamanha precipitação... Como sou desditosa!... Oh...! calo-me, que tenho medo...

Ruy Blas, que a tem escutado, com arrebatamento

Conclui, senhora, que me saciaes o coração!

A rainha

Pois bem, escuta!

(Erguendo os olhos para o céo.)

Sim, vou abrir-lhe toda a minha alma. E' um crime? Deixa-lo! quando o coração se rompe, não pôde mais esconder-se o que n'elle se occultava. Com que então evitavas a rainha? pois a rainha procurava-te! Eu, aqui onde me vês, introduzia-me todos os dias, — alli, naquelle escondrijo, — absorvendo uma a uma todas as tuas palavras, muda, perdida na contemplação do teu espirito que julga, resolve e quer, e suspensa dessa tua voz que em tudo me interessa. O soberano, o verdadeiro soberano figura-se-me que és tu. Ha seis mezes para cá, tenho sido eu, — talvez não creias, — quem te ha exaltado gradualmente ao cume: na altura em que Deus devia collocar-te, collocou-te uma fragil mulher. Sim, dá-te cuidado quanto me diz respeito. Admiro-te. Uma flor outr'ora e hoje um imperio! Dantes via que eras bom e presentemente reconheço que és grande. E' isto, meu Deus! o que nós outras adoramos! Se é crime, que fiz eu então para ser chumbada nesta campa, como a pomba roubada ao ninho e encerrada num carcere, sem amor, sem esperança e sem um raio de luz? — Quando houver vagar, eu te contarei o que tenho sofrido! Sempre só, esquecida, e além disso, humilhada a toda a hora e instantes... Por exemplo: ainda hontem... Mas tudo, tudo me contraria... A minha alcova... — Sim, tu, que nada ignoras, deves saber que se entristece a gente nuns quartos, muito mais que noutrós... — Eu quiz mudar. Pois não consentiram! Já tu vês que não passo de uma escrava! — Mas é de uma urgencia instantanea, — e é para isso, duque de Olmedo, que vos envia o céo, — sim, é de uma grande urgencia salvar-se o Estado, que succumbe e, arrebatar-se ao abysmo este misero povo que trabalha, — e a mim, que soffro tanto, suavisar-me todos os sofrimentos por* meio do amor! Eu exponho isto sem coherencia, a meu modo, mas tu concordas em que tenho muita razão, pois não é verdade?...

Ruy Blas, deixando-se cahir de joelhos

Senhora...

A rainha, gravemente

D. Cesar, dou-vos a minha alma. Rainha para todos, sou apenas para vós uma simples mulher. Pertenço-vos, duque, pelo coração e pelo amor; confio da vossa honra o devido respeito para com a minha. Quando me chamardes, acudirei. — Oh Cesar! a tua fronte irradia um

espirito sublime. Sê altivo, que para isso tens no genio
a tua corôa!

(Beijando Ruy Blas na fronte.)

Adeus.

(Afasta o reposteiro e desapparece.)

Ruy Blas, sósinho

(Fica alguns momentos como que extasiado numa contemplação angelica.)

O que vejo ante os meus olhos é o ceo! Esta hora, meu Deus! é a primeira da minha vida. Entreabre-se-me defronte, inundando-me de raios e de força vital, um verdadeiro universo de luz, como esses paraïsos que em sonhos contemplamos! Por toda a parte, em mim como fóra de mim, o regosijo, o extase e o misterio, a embriaguez e o orgulho, e tudo aquillo em summa que na terra se apropria mais dos ceos! A rainha concede-me o seu amor! sim, é facto, a mim e só a mim é que ella o consagra! Sou mais do que rei, visto que tenho o amor da rainha! Oh! divago num deslumbramento! Eu, duque de Olmedo, vencedor, feliz, amado! — A Hespanha a meus pés! — Mas sobretudo o seu coração!... Este anjo, por quem chamo e a quem adoro de joelhos, transfigura-me com uma só palavra, elevando-me acima do homem! E atravez da existencia, vou seguindo no meu sonho constellado! Ella veio ter comigo e fallou-me, tenho a certeza disso. Era a rainha, não ha duvida! E para o que, trazia até um diademasinho de filigrana de prata; sim, á medida que ella fallava, — parece que estou ainda a vê-la, — eu detinha os meus olhares numa aguia, cinzelada na sua pulseira d'ouro. Disse depois que depositava confiança em mim... — Pobre anjo! Oh! se é verdade que Deus, por meio de um prodigo extraordinario, ao dar-nos o amor, quizesse alliar na essencia humana aquillo que nos engrandece ao que vem dulcificar-nos, eu, que nada receio pois que tenho o seu amor, eu, que sou por assim dizer omnipotente, mercê da sua selecção suprema, e cujo coração entumecido causaria inveja aos proprios soberanos, juro a Deus que me escuta, sem medo algum e em voz alta, senhora, que podeis ter confiança, rainha, no meu braço, e mulher, no meu coração! A lealdade abriga-se em toda a sua pureza no intimo do meu amor! — Oh! não vos arreceieis de cousa alguma!...

Porto.

TRAD. DE LUIZ BOTELHO.

O JESUITA

Vive de podridão, della se nutre!
É sombrio e fatal como o abutre
Que se libra no ar!
Soturno mensageiro da desgraça,
As mãos nas mangas da roupeta, passa
Cabisbaixo a pensar.

Aonde vae? — Á conquista das creanças:
Vae; que nellas baseia as esperanças
Dos loucos sonhos seus;
Que Deus, oh minhas joias, vos assista!
Pois se esse ambicioso vos conquista,
Adeus, ventura, adeus!

Já senhor das creanças, deste modo
Breve dominaria o mundo todo
Esse genio do mal!
Encantador! que ás multidões propina
Pela taça da célica doutrina
O amavio fatal!

Languidas pombas, que de amor sublime
Illuminaes os berços! — Mäes! ouvi-me
Com piedosa attenção:
A vós, quero eu contar o caso mesto
Duma creança que este ser funesto
Deitou á perdição!

Angelo se chamava: era poeta
De grandes esperanças: alma inquieta,
Suspirava por luz!
Ardente defensor das barricadas,
Detestava as cabeças coroadas,
Que são a nossa cruz!

Queria a imprensa livre e independente:
Do patibulo infame era eloquente,
Severo impugnador.
Abominava tudo que era jugo:
Relia Pelletan e Victor Hugo,
Sagrava-lhes amor.

Um dia ouve pregar um jesuita,
E admira-o. — A verdade seja dita,—
Eu tambem o admirei.
Homem de muitas letras e sciencia,
Prágava tão sublime d'eloquencia,
Que nunca o olvidarei!

Pura e santa era então sua doutrina:
A mesma que o Evangelho nos ensina,
A que do ceo baixou.
Depois, vendo-o sahir do santuario,
O triste vae seguindo o missionario,
Que tanto o impressionou!

Logra a honra de ser-lhe apresentado;
É recebido com sincero agrado
E maneiras gentis.
Sucedem-se os bons ditos: riem, cantam,
Passeam joviaes, questões levantam...
Angelo é bem feliz!

Mas em breve uma sombra de tristeza
A fronte lhe amuncia; e o triste presa
De duvidas mortaes,
Dos homens renuncia á «van» sciencia,
Recorre ao tribunal da penitencia...
Ali desfaz-se em ais!

Dos pés do jesuita o desgraçado
Volta mais triste ainda e mais cortado
De duvidas sem fim!
Ao outro dia ataca a Liberdade;
Ao outro advoga a régia magestade
E o cadafalso emfim!

Consumara-se tudo! A ave da noite
Lhe extinguiu com a aza, rijo açoite,
O lume da razão!
Que dôr, mães de família! que desdita!...
Chorae o filho louco e a mãe afflita,
Que o leva pela mão!

Miranda do Douro.

MANOEL SARDENHA.

AS SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

(Continuação do n.º 2)

XXXVII.—Chamava-se *confraria lisbonense de Santo António*—nos tempos da INQUISIÇÃO—a uma irmandade deste nosso Santo, que os judeus tentaram estabelecer com publicidade em Lisboa.

Fizeram este tentamen com empenho, depois de queimado alli em 1624 o *Dr. António Homem*, e em memoria delle como martyr.

XXXVIII.—Não deu consenso a esta *confraria* o prelado de Lisboa, avisado de quererem os judeus ocultar com um nome santo—em escarneo da lei christan—o nome dum condemnado á fogneira.

É certo no entanto, que os judeus continuaram a venerar em casa o *Dr. António Homem*, com os mesmos cultos de martyr de *Fr. Diogo da Assumpção*.

XXXIX.—Expostas estas illucidações, não acharão *allusões* os leitores—nas SENTENÇAS DA INQUISIÇÃO—a que não aquilatem no seu justo valor.

No que não individuamos de propósito, nada ha que não seja intelligivel.

XL.—Eis aqui a SENTENÇA contra o *Dr. António Homem*, queimado na Ribeira em Lisboa a 5 de Maio

de 1624, depois de deposto e degredado das ordens sacerdotaes—tendo sido preso em Coimbra a 18 de Dezembro de 1619:

«Accordam os Inquisidores, Ordinario, e Deputados da Santa Inquisição, que—vistos estes autos, libello, e prova da justiça, contrariedade, e deseza do reo *Antonio Homem*, meio x. n. (*christão novo*), conego douctoral na Sé de Coimbra, lente de prima de canones na sua universidade, e morador na mesma cidade, reo preso que presente está:

«Por que se mostra, que—sendo christão baptizado, e como tal obrigado a ter e crêr tudo o que tem e crê, e ensina a Santa Madre Egreja de Roma—elle o fez pelo contrario:—e depois do *ultimo perdão geral* viu apartado de nossa santa fé catholica, esteve e teve crença na *lei de Moysés*, tendo-a ainda por boa e verdadeira, esperando salvar-se nella; e quando ouvia fallar aos christãos em cousas da fé, ria e zombava, comunicando estas cousas com pessoas da sua *nação*, também apartadas da fé, com as quaes se declarava por *judeu*:

«Pelas quaes culpas, sendo o reo preso nos carceres do SANTO OFFICIO, e com toda a caridade admoestado, as quizesse confessar, para ser tratado com misericordia; disse nenhuma culpas tinha, que pertencessem ao SANTO OFFICIO:—porque era e fôra sempre muito bom christão, e nunca commettêra cousa, que fosse contra a nossa santa fé.

«Pelo que, o promotor fiscal do SANTO OFFICIO veio com um libello criminal accusatorio contra elle, que lhe foi recebido, e o reo o contestou por negação:—e veio com sua deseza, que lhe foi recebida, e por ella se perguntaram testimonhas; e ratificadas as da justiça na forma de direito, se lhe fez publicação de seus ditos, conforme ao estylo do SANTO OFFICIO:—e o reo veio com suas contraditas que lhe foram recebidas; e fazendo-se todas as diligencias á cerca dellas, as não provou.

«E estando o seu processo nestes termos, houve prova de grande e qualificado numero de testimonhas, que lhe acresceram de novo—que o reo se achára muitas vezes em companhia de pessoas de sua *nação*, ajuntando-se para celebrar o *jejum do dia grande*, que vem no mez de Septembro. O que faziam na forma seguinte:

«Preparava-se a casa para o tal *jejum*, alcatifando-se o pavimento della; e a uma parte se punha um bosête, coberto com um panno de seda, e nelle castiças com vellas accesas; e no meio della se pendurava um candieiro de latão, com muitas luzes:—e á hora assignada entravam para a dita casa todas as pessoas, que se haviam achar na dita solemnidade, com os melhores vestidos, barbas feitas, descalços, sem capas, nem chapeos,

e se encostavam ás paredes: — e em alguns dos ditos *jejuns* se lhes vestiam umas vestes brancas, que lhes chegavam até á cincta; e lhes punham umas corréas com *nóminas*, atadas pelas testas; e estavam com os braços cruzados.

«E em muitas das ditas solemnidades, fazia o reo *Antonio Homem* por muitas vezes o officio de sacerdote: estava assentado em uma cadeira d'espaldas, e della fazia practica ás ditas pessoas, exhortando-as a que vivessem na *lei de Moysés*, e referindo-lhes algumas autoridades do TESTAMENTO VELHO: — e as ditas pessoas em certas partes da practica faziam esgares, levantando os olhos ao ceo; e punham as palmas das mãos viradas uma para a outra, abaixando as cabeças até os peitos, e inclinando-as a uma e outra parte.

«E o reo repetia alguns PSALMOS de *David* sem *Gloria Patri*, e um delles era *Super flumina Babylonis*, e também o de *In exitu Israel de Egypto*, e o de *De profundis clamavi*: — e chegando ao verso que diz *Et propter legem tuam sustinui te Domine*, dizia entender-se, que pela *lei de Moysés* haviam de soffrer trabalhos e perseguições, e que haviam esperar em Deus em todo o tempo: — que isto significava o verso que dizia *A custodia matutina usque ad noctem, speret Israel in Domino*: — e que tambem *David* quizera dizer no mesmo verso, que o *jejun* havia de ser desde manhã até noite; e que — se assim fizessem — alcançariam de Deus o que quizessem, e que *David* promettéra nos versos seguintes — a saber — que seria a misericordia de Deus, e sua redempção, para o povo d'*Israel* mui copiosa; e lhe perdoaria todas as suas culpas.

«E depois de gastar um espaço nesta practica, e com outras similhantes que fazia aos circunstantes, a fim de os confirmar na crença da *lei de Moysés* — fazendo-se esta preparação algumas vezes na mesma casa, e outras na de fóra — revestiam ao reo outros sacerdotes uma veste larga e comprida, pondo-lhe um modo de mitra na cabeça, a qual era serrada por cima, e no meio tinha uma lamina d'ouro.

«E os ditos sacerdotes da *lei de Moysés*, que lhe assistiam, estavam revestidos com umas vestes de certa seda, os quaes lhe administravam um thuríbulo, com o qual o reo incensava em certos passos o dito altar, em que algumas vezes estava um *retabulo* com a figura de *Moysés*, e outro de certa pessoa da nação, que foi relaxada á justiça secular, e queimado por judeu: — e depois incensavam ao reo, o qual tocava uma bozina em tom baixo pelo decurso do dia algumas vezes.

«E sobre o dito altar estava uma BIBLIA, pela qual o reo lia alguns capítulos do TESTAMENTO VELHO, e recitava PSALMOS de *David*, no que gastava todo o dia: — e no fim delle fazia o reo outra practica, em que encom-

mendava a observancia da *lei de Moysés*, e ponderava a obrigação que para a guardar tinham, pelas muitas mercês e favores que Deus fizera ao povo d'*Israel*, em quanto fielmente o serviram; e pelo contrario, os castigos com que os visitou, quando se apartaram della: — e que em suas petições, e necessidades, allegassem a Deus os merecimentos dos Santos Patriarchas *Abraham, Isaac e Jacob*, juntamente com o da dita pessoa condemnada pelo SANTO OFFICIO, por morrer na crença *lei de Moysés*, e confissão da dita lei: — e que aquelles *jejuns* eram da substancia della, os quaes lembra se continuassem, por ser a maior festa do anno, na qual se reconciliavam as pessoas, que estavam diferentes; como em effeito se fizeram algumas amisades, e entre algumas dellas nos ditos ajuntamentos: — encommendando muito o segredo daquelles actos, porque nelle consistia a conservação da gente da *nação*.

«E declarava tambem, em que tempo do anno caham as *paschias* e *festas* dos *judeus*, e a obrigação que tinham de as guardar inviolavelmente, com os mais preceitos da *lei de Moysés*: — dizendo, que só ella era a em que havia salvação, e a que Deus déra ao povo de que elles descendiam.

«E manifestava outro-sim as maravilhas, que Deus obrára por elles, e por seus antepassados: — e para os confirmar nestes erros, pervertia o verdadeiro sentido de muitos logares da SAGRADA ESCRIPTURA, os quaes declarava erradamente, a fim de com elles os persuadir, a que a dita *lei de Moysés* era ainda boa e verdadeira, e que só nella havia salvação.

«E um dos logares, entre outros que declarava, era o do EXODO, no cap. IIII, naquellas palavras *Ne approplies, inquit, huc*: — dizendo, que mandára Deus descalçar a *Moysés*, para ensinar a seu povo, que — em todos os actos e sacrificios, que se offerecessem a Deus — se haviam descalçar, como faziam nos actos e ceremonias declaradas: — e que não podia Deus faltar com suas promessas, a quem guardasse a sua lei; a qual ainda hoje dura, como declaravam aquellas palavras do mesmo CAPITULO *In generationem et generationem*, e a palavra *In eternum*.

(Continua.

PEREIRA CALDAS.

NUM ALBUM

(Á margem duma poesia de G. Braga)

Inundas-me de luz, ó pallido Guilherme,
E em troca eu venho aqui trazer-te uma saudade;
É o preito de minh'alma, enquanto o frio vérme
Da Morte, não me leva á paz da Eternidade.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

ANNUNCIOS

COLLEGIO FRANCEZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 166

Instrucção primaria, secundaria e superior; linguas modernas ensinadas por professores das respectivas nações; metodo racional e seguro; educação moral e religiosa em harmonia com os verdadeiros princípios da pedagogia.

Tan.bem ha nesta casa cursos diurnos e nocturnos de francez, inglez, allemão, commercio, &c. &c.

Dão-se lições particulares.

O Director,
C. L. d'Archambeau. (2)

CONFEITARIA OCCIDENTAL

DE

MANOEL JOSÉ DO LAGO

206—CEDOFEITA—208

HA neste estabelecimento grande sortimento de bolacha ingleza, cerveja ingleza e nacional, licores, nacionaes e estrangeiros, conservas, mostardas, massas, e muitas qualidades de doces finos. (12)

Enfeitam-se taboleiros

FREIXO

CONVIDA os seus amigos e fregueses a visitarem o seu novo armazem central de fato feito, rua do Almada n.º 18, praça de D. Pedro, 59, que está completamente sortido de fazendas proprias da estação actual, e roupas feitas para todas as medidas, casacos e polainas da verdadeira casimira impremiable. (13)

PIRES, LOPES & C.ª

LARGO DOS LOVOS N.º 82 — 1.º ANDAR

COMPRAM e vendem papeis de credito, nacionaes e estrangeiros, inscripções e obrigações dos caminhos de ferro. Descontam promissorias dos Bancos Commercial de Vianna, Commercial de Braga, Banco do Porto e letras de cambio; compram os coupons da dívida interna e externa de Hespanha. Recebem dinheiro á ordem e a prazo fixo, abonando ro. (6)

NINGUEM FICA ALEIJADO!!

147—Rua do Laranjal—147

Fazem-se apparelhos orthopedicos aplicaveis a diferentes aleijões que appareçam no corpo humano, e pernas artificiaes a imitar as naturaes:

Fundas de pressão graduada por uma chave, que sustentam toda a qualidade de roturas e nada incommodam, muito apreciadas dos meus numerosos fregueses do Porto e das provincias.

Fazem-se tambem cintos para suster o ventre e tudo o mais concernente á arte orthopedica; preços muito reduzidos. (3)

NOVIDADE!!!

Já chegaram os copos de vidro temperado, para agua e vinho que os jornaes estrangeiros teem classificado como incobraveis. Vende-os Casimiro de Sousa Fontes. (14)

26—RUA DE D. PEDRO—28

RELOJOARIA GARANTIDA

DE

PAULO & FILHO

73—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—73

Tem á venda relogios de todas as qualidades.

Tambem concerta os mesmos com perfeição.

PREÇOS RAZOAVEIS (7)

BILHETES DE VISITA, DE CASAMENTO E DE LUTO

Rua de Santo Antonio 41, junto á casa Buisson. (8)

ANDRADE

RELOJOIRO

25—RUA NOVA DE S. DOMINGOS—27

Relogios superiores de ouro e prata para homem e senhora. Relogios de meza e parede americanos e franceses. Calendarios perpetuos. Instrumentos, de marinha estantes e sextantes, bussolas, barometros aneroides, binoculos.

Todos os relogios serão attenciosamente reparados e regulados.

Preço igual para todos. (9)

HERCULANO

Revista quinzenal de litteratura, collaborada por distintos escriptores e consagrada á memoria de Alexandre Herculano.

A todos os senhores assignantes desta publicação, será distribuido, como brinde, no fim do 1.º volume, o retrato do fallecido historiador, primorosamente executado.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal

Brazil

Anno	960	Anno.....	2\$400
Semestre	480	Semestre	1\$200

Para as provincias a assignatura é paga adiantada.

Recebem-se annuncios e comunicados, quando estes venham assignados e legalmente reconhecidos, para serem publicados nas capas do jornal a 20 réis por linha.

Todos annunciantes sendo assignantes de anno, pagarão 10 réis somente, gosando além disso o batimento de 10 por cento.

Originaes enviados á redacção não se restituem, sejam, ou não, publicados.

Escriptorio da Redacção — rua do Almada n.º 567. — 1.º andar.

UNIÃO

PHOTOGRAPHIA



DA CASA REAL



PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA DE 1876



47 — Praça de Santa Thereza — 47

(CASA APALAÇADA)

Este estabelecimento tem artistas que praticaram nos melhores ateliers estrangeiros, achando-se habilitados a photographar, segundo os processos mais modernos e com o retoque indispensável, que tanta aceitação tem tido do público.

O proprietário concluiu melhoramentos consideráveis no atelier e mais dependências, podendo satisfazer cabalmente a todas as encomendas concernentes à sua arte.

Perfeição nos trabalhos e modicidade nos preços: provas á vista.

Toda a imprensa periódica do Porto tem assinalado a photographia UNIÃO com palavras de subido louvor, acabando de receber do governo de Sua Magestade o honroso diploma de PHOTOGRAPHIA DA CASA REAL.

Este atelier tem sido visitado por muitas pessoas notáveis, entre as quais se conta Sua Magestade El-Rei o snr. D. Luiz I, o grande tribuno hespanhol Emilio Castellar, o primeiro jornalista português o snr. Antonio Rodrigues Sampaio, ex-ministro do reino, o snr. Antonio Cardoso Avelino, ex-ministro das obras públicas,

(1)

DENTES

COLLOCAM-SE desde um até completas dentaduras e por todos os sistemas conhecidos, garantindo-se a solidez e perfeição, e por preços muito razoáveis. Rua de Santo António n.º 160, em casa do conhecido dentista Furtado & Irmão.

O mesmo continua tendo á venda os seus acreditados elixires para a conservação e limpeza dos dentes, sendo um bom preservativo contra a dôr e caria dos mesmos.

(4)

Á VENDA

Lumes succos legítimos, 1.ª qualidade.

Lumes inglezes em caixas de folha.

Tijollos refractarios Ingleses.

Tijollos para limpar os metais,

Cognac. Licores, Champagne, Bordeus &c. &c.

Preços reduzidos. Desconta-se para revendedores.

Ferraria de Baixo, 118 1.º andar.

(5)

TABACARIA LUSO-ITALIANA

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortimento de tabacos nacionais e estrangeiros e um depósito de perfumarias escolhidas.

Praça da Batalha — (baixos do Theatro de S. João.)

244 - 1.º ano

N.º 4

1.º ANNO

HERCULANO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA

A MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

REDACTORES

TEIXEIRA DE CARVALHO
ALMEIDA CHAVES

ADMINISTRADORES

GOMES D'OLIVEIRA
RICARDO CORTE REAL

SUMMARIO

- | | |
|--|--|
| I — <i>Scintilações pagans</i> (poesia) — por Gaspar de Lemos. | VIII — <i>Aquella trança</i> (poesia) — por Manoel Sardinha. |
| II — <i>A um prégador</i> (poesia) — por João de Deus. | IX — <i>No leito d'agonia</i> — por Sousa Moreira. |
| III — <i>Etymologia de Coimbra</i> — por A. M. Simões de Castro. | X — <i>Perdão</i> (poesia) — por Teixeira de Mello. |
| IV — <i>Pobre cega</i> (poesia) — por João de Deus. | XI — <i>Nolite timere</i> (poesia) — por Santos Valente. |
| V — <i>O laurel do Artista</i> (poesia) — por Adriano Antero. | XII — <i>Saudade</i> (poesia) — por Francisco de Menezes. |
| VI — <i>A musica</i> — por J. Frederico Laranjo. | XIII — <i>O dr. Bückner</i> — por Bruno. |
| VII — <i>Dolores</i> (poesia) — por Joaquim de Araujo. | XIV — <i>As duas irmans</i> — por L. T. Freitas e Costa. |
| | XV — <i>Lux</i> (poesia) — por Xavier de Carvalho. |

VOLUME PRIMEIRO

REDACÇÃO

RUA DO ALMADA N.º 567 — 1.º ANDAR — PORTO.

BIBLIOGRAPHIA

Temos de novo a accusar a honrosa visita do *Seculo*, n.^o V e VI da segunda serie, de cujo sumario se pôde inferir a sua importancia.

Gallileu; esboço da sua vida e descobertas. — É este um artigo em que o snr. A. Zeferino, a par da historia, tam dignamente mostra a incompetencia duma censura, feita no *Instituto*, n.^o 10 vol. XXIV, ao caracter moral e scientifico de Gallileu.

Custa-nos ver que uma publicação, que tem grangeado as honras de primeira revista scientifica e litteraria do paiz consinta nas suas paginas um artigo que põe em duvida os merecimentos do maior vulto com que ainda hoje se ufana a Italia, e ante o qual devemos curvar-nos religiosamente; assim como folgamos encontrar quem, com tanta competencia, saiba repellir a affronta, cuspida sobre a memoria gloriosa do astro-nomo florentino que, mao grado do mysticismo catholico, ser-nos-ha sempre viva e cada vez mais veneranda.

Desculpe-se-nos estas expressões se as julgam pretenciosas ou mesmo injustas: respeitamos muito a autoridade do *Instituto*, porém ainda muito mais a memoria de Gallileu. — *Christianismo e Catholicismo.* É um outro artigo de não somenos interesse. Lemo-lo com aquele aneio e entusiasmo que o snr. C. Barata sabe inspirar nos seus escriptos. A preeminent critic com que sobredoura as suas producções, a imparcialidade com que compulta os factos, o denodo e lealdade com que ataca os abusos e as insinuações machiavelicas da Egreja, são outras tantas causas que nos levam, mais uma vez, a protestar-lhe o nosso respeito e admiração. — *Victor Manuel* — por A. Z. Cândido. O limitado espaço desta chronica não nos permite alongarmos esta bibliographia, pois que o nome que firma mais este artigo, dispensa-nos a nossa humilde apreciação.

Temos tambem a honra de agradecer a visita do *Instituto* n.^o VII, segunda serie do XXIV anno da sua publicação. Esta revista que tem grangeado a honra de primeira publicação scientifica e litteraria, dispensa-nos todos os encomios de que é digna. Eis o sumario: *Cardoso Borges*, por A. A. F. P. — *Determinação e desenvolvimento da idéa do direito ou synthese da vida juridica*, por F. M. de Faria e Maia. — *Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez*, por A. Frederico Moller — *Advertencia*, por A. A. F. P. — *Sam Pedro de Muel* (poesia), por H. Faure. — *A nova universidade de Amsterdam*. — *Segunda lição do curso de lingua e litteratura sāoskrita classica e vedica*, por S. B.

Herculano e Michelet — Poemetos por Jayme Victor.

É mais um duplo tributo de homenagem á memoria de *Herculano e Michelet*, esses dous vultos magestosos, apostolos da Liberdade, que hoje somente vivem nas paginas da Historia, chorados pelas modernas gerações da França e Portugal.

Jayme Victor é um poeta ainda novo, mas conhecido já pelo seu talento, por isso não podia deixar imperfeita a obra que tão dignamente principiou. Assim o fez e o costumam fazer os genios como o do nosso apreciavel collaborador.

Daqui lhe enviamos um aperto de mão e os nossos parabens.

O Academicico — Revista quinzenal de litteratura.

Publica-se nesta cidade e é redigida pelos senhores Antonio d'Almeida Roque e João da Silva Bravo.

O Academicico apresenta-se-nos modesto nas suas aspirações e razoavelmente collaborado por alguns mancebos «que gastam os melhores dias da vida no lidar litterario,» como nos dizem na introduçao os redactores da nova revista.

Ao novo collega desejamos prosperidades.

Jornal das Damas — Revista de litteratura e modas de que é proprietario e editor o snr. J. J. Bordonal e redactor principal, o snr. Barboza Nogueira.

Acompanham os numeros 133 e 134 desta publicação lisbonense, — unica no seu genero existente em Portugal ha 12 annos, — dois bonitos figurinos gravados e illuminados em Paris, com a descripção dos mesmos no corpo do jornal, assim como alguns debuxos para bordar, executados em separado.

No primeiro numero que recebemos, pertencente ao mez de janeiro, vem com diversos escriptos litterarios de merecimento, uma poesia mimosissima e repleta de sentimento, de Cazimiro d'Abreu, escripta talvez em horas de nostalgia.

É digna de ser lida pelos amadores das boas letras.

Inclusas tambem recebemos as duas primeiras folhas do *Manual de anedocas*, oferecido como brinde aos assignantes do *Jornal das Damas*.

Temos ainda em nosso poder algumas publicações que nos teem sido enviadas ultimamente e de que, por falta de espaço, deixamos de fallar na presente bibliographia, promettendo-o fazer no 5.^o numero.

EXPEDIENTE

Aos ex.^{mas} snrs. assignantes que não tenham ainda os n.^o 1 e 2 do *HERCULANO*, que se haviam esgotado, pedimos desculpa de não os terem já recebido. Estão no prélo, e brevemente serão distribuidos.

Lembramos aos nossos assignantes da provincia o favor de nos enviarem, em estampilhas, o importe das suas assignaturas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á — Administração do *HERCULANO* — Bom-jardim — 404.

SCINTILLACÕES PAGANS

I

O teu corpo mavissimo, indolente,
Duma belleza morbida e fatal,
Tem as sinistras attracções do Mal
Como as visões das lendas do Oriente.

E o fundo abyssmo desse olhar mordente,
Onde ha rápidos brilhos de metal,
Attrahe as almas horrorosamente
Como um prazer secreto e sensual!

Mas ao sentir as frias punhaladas
Das tuas assassinas gargalhadas
Eu julgo ver então nesses instantes,

Nas vermelhas camelias orgulhosas
Com que enfeitas as tranças tenebrosas
Os corações em flor dos teus amantes!

II

Eu não sei que attractivo inquebrantavel
Ou que secreta e funebre corrente,
Prende ao teu corpo lubrico, impudente,
A minha alma dum modo inexoravel!

O que ha em ti d'angelico e adoravel?
Não sei! contudo o teu olhar ardente
Tem a fascinação duma serpente....
Como eu te adoro, Sphinge abominavel!

Quando o callido aroma de teus beijos
Em mim desperta impudicos desejos
E faz bater mais forte o coração,

Vejo cahir os meus ideaes formosos
Como cahem dos ares procellosos
Os moribundos passaros no chão!

GASPAR DE LEMOS.

A UM PRÉGADOR

(EPYGRAMMA)

.....
Meu Besômes, meu Ligorio!
O que reverenda coça
Ias dando ao editor!
Mas quanto não foi maior
A que déste ao auditorio.

Fevereiro, 78.

JOÃO DE DEUS.

ETYMOLOGIA DE COIMBRA

Da mesma fórmula que a fundação e armas de Coimbra, tambem a etymologia do seu nome tem dado margem a opiniões mui diversas, poucas talvez com o cunho da convicção de quem as apresenta, a maior parte devaneios da phantasia, e nenhuma, a nosso parecer, destituída de duvidas e digna de ser abraçada como cousa certa.

Não acreditando em algumas dellas, escusado seria dizer que só por curiosidade as vamos referir resumidamente.

A primeira difficultade que neste particular se nos antolha, é saber se o primitivo nome de Coimbra fôra *Colimbria*, *Colimbriga*, *Colimbrica*, *Conimbriga*, *Conimbriga* ou *Conimbrica*. Com todas estas variantes o temos encontrado em varios auctores.

Se nesta questão nos é lícito soccorrer-nos aos argumentos de analogia, diremos ser mais provavel que a terminação da palavra seja *briga* ou *briga*, pois que é certo encontrarem-se nomes de muitas povoações antigas do nosso paiz terminando por estas desinencias; como por exemplo *Celobriga*, *Cetobriga*, *Lacobriga*, *Merobriga*, *Tolabriga* etc. (¹).

E' opinião de alguém que o nome original de Coimbra é *Kuning-brig*, e que significa *cidade do rei*, alludindo a ter sido edificada por Ataces, rei dos alanos, (personagem de cuja existencia ha bons fundamentos para duvidar). Diz ainda o mesmo escriptor que os romanos alteraram a palavra *brig*, que quer dizer *cidade*, escrevendo *briga* segundo o genio da sua lingua; assim de *Kuning-brig* fizeram *Cunimbriga*; de *Lacobrig*, *Lacobriga*; de *Cetobrig* *Cetobriga*; de *Merobrig* *Merobriga* etc. (²)

Derivam uns o nome Coimbra de *conus* — pinha, porque situada esta cidade num monte pyramidal e tendo seus edificios muito unidos e como sobrepostos uns aos outros, na verdade se semelha a uma pinha.

Dizem outros que seu nome se deye traduzir por *collis imbrum* — outeiro de chuvas, por ser situada em local muito fresco e aprasivel á conta das muitas e copiosas chuvas que o fertalisam.

Derivam-no outros unicamente de *collis* — outeiro, colhado ou monte levantado, alludindo ao alteroso monte que lhe serve de assento.

Outros de *Brigo*, que dizem antigo rei de Hespanha, edificador de muitas cidades ao qual attribuem tambem a fundação de Coimbra.

Ignacio de Moraes vê a origem do nome desta cida-

(1) Vide outros no *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, 2.ª edição, tomo 1.º, cap. 2.º

(2) *Revista Universal Lisbonense* tomo 6.º pag. 404.

de em *conus imbricis* por ser tal a disposição de uns edifícios que, vistos de longe, parecendo cerrados e unidos uns aos outros, bem se podem comparar a uma pinha de telhas:

*Illam nonnulli cupressi ab imagine coni
Atque ex imbricibus nomen habere putant* (1)

Na *Miscellanea* de Miguel Leitão d'Andrade encontra-se uma origem romântica da cidade e do seu nome: Refere-se que infestando estes sítios, então selváticos, uma terrível serpente que fazia muitos danos e impedia se povoassem, um esforçado mancebo *por amores de uma princeza se veiu provar ventura com esta serpente, e a matara por admiravel valentia e ardil que seria longo de contar*. Porém que casando depois desse feito com essa princeza, *por cujo respeito acabara tamanha façanha, e na memoria della, edificou no mesmo logar uma cidade, e do nome COLUBRIS que elle matou, e de BRIGA que nesses tempos era muito commum e ordinario nome nas povoações, lhe posera esta de Coimbriga...*

Destas etimologias escolha o leitor a que mais lhe agradar.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

POBRE CEGA!

Depois que Deus me cegou
Não vejo os filhos andar
Nesta nudez em que estou...
Mil graças, senhor vos dou!
Mas inda os ouço chorar,
E assim pobre como sou
Nada tenho que lhes dar,
E de balde me condão!
Senhor! poupa-me o pezar
De os ouvir tambem chorar!

JOÃO DE DEUS.

O LAUREL DO ARTISTA

Era um jovem artista, activo, honrado e forte, De alegre compleição; tendo o dever por norte A hora por brasão; e como lampadário, A consciência austera. Era elle estatuário. O cinzel ou o escôpro, o marmore e o buril Amava-os como a Deus, e em extase febril

(1) *Conimbrice Encomium.*

Beijava a fronte à estatua. *Apollo e Belvedere* Buonarroti e *Moysés*, a cupula que infere De Bruneleschi o assombro, a *Eva de Canova*, E Cellini e *Persen* eram a bíblia nova Aonde soletrava a transmissão de Deus. Amar! Só namorava em extase dos céus A estatua de *Phryné*, — esse ideal de Guido, Ou a *Venus de Millo*. O sopro indefinido Dos hábitos de amor sentira-o no cinzel. O fogo das paixões queimava-o mais cruel Sómente no buril. Em fim morrera o homem Perante o sol do artista...

Ai! Deus que trevas somem

A lei que nos atrai ás sendas do futuro! Um dia deparou-se-lhe o ideal mais puro Que a fronte de *Collona*, o olhar de *Fornarina* E o riso de *Phryné*: fôra quebrada a sina! Rompera-lhe no peito indomito vulcão! E quando olhou por si, o dôudo coração Desfazia-se todo em haustos perfumados. Essa estatua pagau dos sonhos namorados Era a filha do mestre, o divinal portento Que tinha a morbidez das filhas de *Sorrento* Unida á commoção das moiras de *Granada*.

Quando o mestre notou a vivida alvorada Foi dizer-lhe a sorris: *Creança, a minha filha Só a darei a quem fizer a maravilha De tão formosa estatua!*...

E o pobre desde então Trabalhou dia e noite a traz da tentação Dessa promessa van. Tentava o impossível, Que não havia pedra aérea e coercível, Para conter em si a perfeição celeste! Rasgava o doce olhar... era um olhar agreste! Abria-lhe o sorriso... não era inquieto e vivo! Elevava-lhe a fronte... o seu condão altivo Fugia no cinzel como ideal chimera! Aquella tentação era impossível, era!...

E tanto trabalhou com cego frenesim, E tanto consumiu e porfiou assim, Até que endoideceu! Depois, se alguém passava, A estatua do trabalho em prantos abraçava, Dizendo: *A noiva dorme, acorda-a tu, Senhor!*

E Deus lha despertou! O halito d'amor Quebrara-lhe a demencia: a imagem que sonhara, Foi-lhe enfermeira e noiva: o marmore de Carrara Tornara-se em mulher. E o mestre foi-lhe o exemplo De Deus que vê o artista, e torna a terra em templo Áquelle que trabalha e tenta e luta e chora. Bemdicta sejas tu, ó providente Aurora!

ADRIANO ANTHEO.

A MUSICA

NO ALBUM DE MANOEL FERREIRA CARDOSO

No album dum Orpheu sobre que se ha de escrever?

Sobre musica; e musica, quem a não faz ouve-a, e esquece-se da terra, engolfa-se num elemento, que não é nenhum dos de Empedocles, deriva ou ascende num fluido subtil, mettido num barquinho que não é d'ebano, nem de sandalo, mas feito ou d'azas de anjos ou de flores de magnolias.

E depois quando a harmonia cessou, em noutes de primavera ou d'estio, contemplando-se a lua, haurindo-se os perfumes dos laranjaes e das tilias, perfumes que a briza nos anda trazendo, vem ao espirito esta pergunta—O que é a musica?

Quando a minha alma revolve este problema, lembro-me de Pythagoras, de Platão, de Fourier—tres pilhas de genio, feitas de phantasias e de sentimentos.

Como é que estes homens definiriam a musica?

Pythagoras ouvia a musica das espheras.

Platão reproduzia-a nos seus dialogos.

Fourier dizia-nos que cōres e que fórmulas correspondiam a cada nota, mostrava-nos paizagens nas symphonias, symphonias nas paizagens, reduzia tudo á unidade.

Para elle tambem o mundo era uma harmonia, a lei della uma attracção.

Attracção! Se Newton não fôra da Inglaterra, a nação do egoismo, a Pythagoras, Platão e Fourier enlaceria Newton; mas a attracção não é da Inglaterra, e é a attracção que me obriga a estar escrevendo neste album, a attracção de corações que dá esta bella resultante, resultante cōr de rosa—a amizade.

Mas o que é a musica?

Ha dois sentidos no homem, que primam todos os outros por estarem mais em affinidade com a alma: são a vista e o ouvido. São estes os sentidos do bello, porque são os unicos capazes de o perceber, e percebem-no pelas fórmulas e cōres, pelos meros sons—, e pelo som—palavra—; dois extremos e um médio; os dois extremos são a pintura e a musica,—o médio é a poesia; na poesia com efeito reunem-se a pintura e a musica; a palavra poetica é som e é imagem.

Mas o que é a musica?

Cada ser tem uma essencia, e cada essencia uma manifestação. O mundo é um kaleidoscopio immenso, variavel nas cōres, movel nas fórmulas, indefinido nos sons e nos perfumes, nas lagrimas e nas alegrias; e

fórmulas e cōres, sons e perfumes, lagrimas e alegrias, são a expressão parcial das existencias num tempo determinado, como a flor o é da semente, como o são do amor Julietta e Romeu quando porfiam sobre o rouxinol e a cotovia, quando se despedem e voltam, tornam a despedir-se, e a voltar — aves encadeiadas, a que um menino alargava e encurtava quasi ao mesmo tempo o fio cōr de rosa que as prendia.

A musica é portanto a expressão pelos sons da essencia das cousas.

Tudo tem pois a sua musica, o universo, que brilha com milhões de sões e a violeta que se encobre nos macisos da sua folhagem.

Que mundos nos revelam pois as flautas; de que mundos nos falla a tua?

O orgão lamenta-se e ora; é o vento que sahe da floresta humana quando a bate com aspereza o vento da desgraça.

A trompa e o clarim provocam e ameaçam; é a condensação das forças que dilaceram, para se regar com sangue e se adubar com cadaveres a vasta seara das idéas.

A rabeca chora e ri; é o tripudio louco do carnaval, a elegia immensa de Renato, os threnos, que exsudam sangue, de Jeremias.

Mas as flautas, o que são as flautas?

Tudo o que é suave, porque não é bem definido; as saudades que se tem do ceo, os sorrisos que se abrem na terra.

No extremo dos ramos das videiras destendem-se uns filetes dum mimoso verde, sympathicos aos namorados, que os colhem, os entrançam variamente e os enviam como alguma cousa mais do que uma carta, como um abraço.

A musica das flautas é o abraço com que se ligam as varias musicas do universo.

As harpas habitam nos palacios dos reis atormentados de tristeza e á beira dos rios onde os desterrados choram pelo seu berço; a patria das flautas é entre o ceo e a terra, na região dos anjos.

E foi de lá que veio a tua.

Disse um philosopho que a alma e o corpo eram uma harmonia preestabelecida; nesta immensa symphonia, ha harmonia preestabelecida em todos os instrumentos que a compoem; e a tua flauta, é a irmã gêmea da lyra de Lamartine.

Coimbra.

J. FREDERICO LARANJO.

DOLORES

Hontem sonhei contigo, minha filha!
Vi-te *junto de mim*, banhada em luz
E enebrindo teus braços semi-nús
Nas dobras protectoras da mantilha.

Que ventura o sonhar a cada instante
Um sonho como aquele, onde surgisse,
Ó minha melancolica Beatrice!
O teu doce e tristissimo semblante.

Se ninguem me chamasse á Realidade
E eu consomisse a minha vida inteira
A ver-te, nos meus sonhos, companheira
Da minha desmaiada mocidade!...

Mas vê lá:—acordei extremunhado,
E ao fugir-me a dulcissima esperança,
Sorria *junto a mim* uma creança
Num retrato que eu tinha encaixilhado...

Lisboa.

JOAQUIM DE ARAUJO.

AQUELLA TRANÇA (*)

Houve um tempo em que eu era o doce esposo
De tu' alma sensivel e inocente;
Então, Maria! o nosso amor ardente
Nos era um ceo em vida... tão formoso!

Mas passou esse célico ante-goso,
Bem como estrella rapida, cadente,
Ó meus sonhos gentis de adolescente!
Ó dias em que eu inda era ditoso!

Quando ás vezes contemplo em soledade
A quella trança loira que inda dura,
Humedece-me os olhos a saudade!

Em eu morrendo (e tarda essa ventura!)
Atem-me co'ella os pulsos por piedade!...
Quero assim descansar na sepultura!

MANOEL SARDENHA.

(*) Soneto composto no meio duma doença chamada *romantismo*, ahi pelo anno de 1868.— Observação do auctor, passados dez annos.

NO LETTO DA AGONIA

(FRAGMENTO DO ROMANCE «CALVARIO DE MAGDALENA»,
EM VIA DE PUBLICAÇÃO)

(Continuação do n.º 2)

A noite prosegue tormentosa. A trovoada afastou-se para longe, e já se ouve indistinto o seu ruido; mas a ventania continua desabrida, uivando como o chacal no fojo.

O ceo assimilha-se á abobada duma catacumba enegrecida pelo fumo das tochas; e o mar, visto á luz vaga da phosphorecencia, parece um enorme lago de chumbo derretido que fervesse em alterosos cachões.

Leitor, o teguio está perto.

Em quanto não chegamos, será bom descrever—ligeiramente o seu interior.

Uma cama de bancos com um cobertor listrado e cheio de remendos, junto della um enxergão de navio, enrolado, uma arca de pinho enegrecida, uma meza—por sobre a qual se via um quadro representando a «ceia do Senhor», duas cadeiras toscas, fragmentos de redes, instrumentos de pesca, e uma bilha de greda a um canto, eram estes os objectos que se encontravam na pobre habitação.—Eis que chegamos, leitor. Entremos.

— Vacillo!... É muita a escuridão! Este casebre faz lembrar um antro!...

— Mas um antro onde se abrigam duas pessoas honradas e não assassinos nem feras! Entremos.

O casebre era apenas illuminado por uma candeia assente sobre uma pedra do lar. Era grande o silencio interior; porém de quando em quando vinham corta-lo uns gemidos dolorosos.

Quem attentasse bem para um canto da humilde habitação, havia de ver deitada uma mulher lívida como cera, e junto della um individuo, velando.

Thereza, ferida por uma grave doença, cahira no leito sem esperanças de se levantar; e Claudio cumpria o seu dever junto della.

— Sente-se melhor depois do remedio? perguntou Claudio a sua mãe com um accento carinhoso.

— Não, meu filho... Para que hei de mentir-te! Tua mãe está muito doente! Vou brevemente fazer companhia áquelle que Deus lá tem!

— Minha mãe!...

— Vaes ficar sem ella, filho!...

Thereza quiz chorar, mas as lagrimas ficaram-lhe no coração: a dôr havia-as reconcentrado.

— Esperança em Deus, minha mãe!

— Tenho-a, meu filho!

A doente exhalou um suspiro, e accrescentou:

— Claudio, as dôres augmentam-me!... O meu peito despedaça-se!... Prendes-me á vida, filho!... São bem fortes as prisões, são, mas a morte ha de brevemente destruir-as!... Vaes ficar sem mãe!...

A virtuosa mulher pronunciou estas palavras com um accento fraco e profundamente dolorido e dirigiu ao filho um olhar em que se devisava toda a grandeza do tormento que a alanceava.

Claudio quiz mostrar-se superior ás impressões que sentira, mas fraqueou-lhe o animo; deixou pender a cabeça, e chorou perdidamente.

— Não chores, não chores, filho!...

O desditoso moço, conhecendo que as suas lagrimas affligiam a doente, refreou o pranto por um supremo esforço, e ergueu a fronte como desejando mostrar uma certa coragem.

— Não estou a chorar, minha mãe! exclamou elle.

A doente quiz erguer-se, porém o seu estado de abatimento extremo parecia prender-lhe os movimentos.

Claudio comprehendeu a vontade de sua mãe, e ergueu-a vagarosamente, puxando a travesseira para cima afim de a enferma encostar a cabeça.

— Estou tão fraca, Claudio!... Doe-me todo o meu corpo!...

— E sente-se assim melhor, minha mãe?

— Sim; já não podia estar deitada! Olha, filho, chega-me uma pouca d'agua.

Claudio estendeu o braço, e tomou de sobre a meza um copo de agua panada que servia de beberagem á doente.

Thereza quiz segurar o copo, e bebeu alguns tragos com mão trémula.

Claudio conchegou-lhe depois a roupa.

— Parece que estou a vêr teu pae! disse a enferma, olhando tristemente para os instrumentos de pesca, que pertenceram ao marido.

— Veja se dorme, minha mãe! exclamou Claudio, procurando distrahir-lhe a imaginação.

— Dormir, dizes tu, meu filho! Ha oito dias que não sei o que é isso!... Hei de brevemente dormir! Já presinto o sonno da morte!... Ah! Quando me lembra que ficas para ahi abandonado...

— Para que se está a lembrar...

— Não me hei de lembrar, filho, de que tu, quando eu deixar este mundo, ficas para ahi abandonado, sem ninguem que olhe por ti, sem teres sequer um coração que te conchegue a elle nas horas de desalento? Ah! Claudio!...

A doente ia para continuar; porém uma forte pal-

pitação embargou-lhe a voz, sobrevindo-lhe uma tosse violenta que lhe fez especturar alguns escarros com laivos de sangue.

Thereza ficou por morta, como que desfalecida pelo esforço que fizera, e pelos estragos da palpitação.

Claudio sentiu um abalo violentissimo, quando a syncope — acommeteu a doente; e approximou-se muito de sua mãe para lhe escutar a respiração.

Era descompassada e fraca.

Claudio olhava para ella, immovel: a dôr parecia tel-o petrificado.

(Conclue.)

SOUZA MOREIRA.

PERDÃO! (*)

Perdão, se esta alma atrevida
Ousou cahir a teus pés:
Perdida de amor, perdida,
Não viu de certo o que fez.

Tua louçan primavera
Tentou a pobre coitada...
Agora tua alma impera,
Onde era feio deserto!
Calada eu bem a quizera
Na sua longa invernada;
Mas a misera delira
E quer na chamma decerto
Dos teus olhos aquecer-se,
E viver dessa mentira
Que não é para dizer-se;
Pois um amor impossível
Rojar-me faz a teus pés.
És anjo, mulher não és.
Minh'alma ardente, sensivel,
Audaz, inquieta, sombria,
Talvez vencesse o impossivel
Para te amar um só dia
E aniquilar-se a teus pés.

Perdôa-me, oh anjo, o crime
Que a tua belleza fez...
Mas este amor que me opprime
Não é um crime talvez!
Pois é a chamma apagada
Que se renova outra vez,
Que de subito se ateia
Na minha longa invernada,
E de nada se arreceia,
— Do mundo, de Deus, do nada! —
Para morrer a teus pés.

Campos.

TEIXEIRA DE MELLO.

(*) O sr. dr. Teixeira de Mello é um dos mais distinguidos e conceituados poetas do Brazil. O *Herculano* ufana-se por contal-o em o numero dos seus colaboradores, e annuncia aos seus leitores que além deste, outros engenhos do vasto imperio transatlantico honrarão as suas paginas. Sobre as obras do dr. Teixeira de Mello pôde ser consultado o *Diccionario Bibliographico* do falecido Innocencio da Silva.

NOTA DA REDACÇÃO.

NOLITE TIMERE

Mes amis, bien près de la mort,
J'ai failli entrer tout-à l'heure
Dans l'épouvantable demeure
D'où personne jamais ne sort.

Il semble qu'une main quelconque
Entre deux bords me ballotât:
—Le jeterai-je là ou là?—
Mais nulle main je ne vis onques.

Mes amis, le fatal chemin
Ne semble pas chose si laide
Pour qu'on fasse venir en aide
Tant de saints et tant de latin.

Maintenant une je suis en vie
Et que j'ai bien vu le trépas,
Voilà mon mot: Ne croyez pas
Qu'il soit besoin d'y penser mie.

Janeiro, 1878.

SANTOS VALENTE.

SAUDADE

(À MEMORIA DE ALBERTO MALHEIRO)

Em breve tempo te deixou, amigo,
Aquelle anjo de tranças côn de amora,
Que ás horas tristes em que o sol descora
Bem se alegrava por fallar contigo.

Levou-te a paz, a esperança, o abrigo
As azas d'ouro dessa pomba, agora
A longa soledade, que devora
Um bronzeo peito, um coração antigo.

Que não possas viver na eterna auzencia
Embalsamado na suave essencia
Do seu ultimo beijo d'amizade!...

Ai! como a vida d'illusões é curta!
Cerca-lhe a campa de festões de murtas
E grava-lhe na louza: — Saúdade.

FRANCISCO DE MENEZES.

O DR. BÜCHNER

(Continuação do n.º 1)

Nasceu aquelle que ora nos occupa, a 29 de março de 1824, na cidade de Darmstadt. Começou os seus estudos pela frequencia do gymnasio da sua cidade natal,

aonde saiu em 1842, na edade de 18 annos, entrando em seguida na escola superior profissional, aonde estudou as matérias que entre nós constituem os preparatórios dos cursos de philosophia, exigidos para o de medicina, physica, chimica, zoologia, botanica, geologias etc.

Em 1843 cursou na universidade de Giessen especialmente philosophia e no anno seguinte, por desejos de seu pae, encetou os seus estudos medicos. Como estudante, tomou, como Vogt e como toda a moeidade aleman, parte nas agitações de reforma que corriam por então a Alemanha e foi um dos fundadores directores da associação *Alemannia*. Em 1848 defendeu a sua these *Appendice á doutrina de Hall sobre um systhema nervoso excito-motor* com um exito brillante e tomou parte mais activa e gravemente na serie de acontecimentos politicos que foram o *contre-coup* na Alemanha, da gloriosa revolução de fevereiro.

No outonho de 1848 deixou a universidade de Giessen e foi exercer a sua profissão de medico para a sua terra natal; e ahi, reunido aos seus antigos condiscípulos, collaborou n'um novo jornal, a *Nova Gazeta Aleman* dirigida pelo dr. Otto Lüning. Pouco depois pela submissão do paiz de Bade, o dr. Büchner entrou na vida privada e teve a felicidade de escapar ás consequencias desastrosas, que o seu procedimento político atrahira aos seus condiscípulos, pela sua qualidade de medico e porque emprehendeu ao tempo uma viagem a Wuertzbourg e a Vienna para completar a sua instrução medica. Em Wuertzbourg impressionaram-o especialmente as lições de Virchow que com Liebig e Bischoff participa da honra de ter sido dos primeiros a opor á velha escola a nova de philosophia natural e que teve por certo uma influencia capital na definitiva orientação mental do dr. Büchner já entrevista de resto na sua these inaugural.

Na sua volta de Vienna, o dr. Büchner ocupou-se da pratica medica e sob a direcção de seu pae, o dr. Ernesto Büchner, fez aparecer diversos trabalhos de medecina-legal no *Jornal medico-legal* de Fribourg, trabalhos duma total importancia que lhe valeram o diploma de membro correspondente e honorario da sociedade dos medicos de Bade, em 1855.

Entretanto o dr. Büchner havia aceitado o logar de medico adjunto, sob a direcção do professor Rapp, na clinica de Tubingue, aonde fez como privat-docend conferencias sobremodo notaveis sobre diversos pontos de pharmacologia, medecina legal, etc., escrevendo ao mesmo tempo numerosos artigos na *clinica aleman*, nos *Archivos de Virchow*, de *Viervodt*, no *Jornal trimensal* de Praga e em outras publicações por igual importantes.

Em 1854, o dr. Büchner redigiu para o *Indicador nacional* do Wuertemberg e para a *Gazeta Universal* o relatorio da reuniao dos naturalistas allemaes que nesse anno teve logar em Tubingue e que foi duma importancia superior. Estes trabalhos e a leitura do livro de Moleschott *A circulação da vida* forneceram-lhe a idéa da sua *Força e materia, estudos populares de historia e philosophia naturae*, verdadeiro manual do materialismo, como lhe chamou Janet e que satisfez aos desejos de vulgarisação, que tal é o caracter de todos os seus livros, do dr. Büchner, porque em um curto espaço de tempo foi traduzido em inglez por R. F. Collingwood, secretario da sociedade anthropologica de Londres, em italiano por Stefanoni Luigi, director do *Livre pensamento*, em hespanhol por A. Avilés, em sueco, edição de G. D. Malmburg, em polaco por L. Mulsky, em hungaro por Ludgig Lanw, em roumanio por Alexandre Samourcassi e em francez por A. Gros—Claude, com um bello retrato em aço do auctor e um seu *fac-simile*, uma resposta ás criticas de Janet, Lefavre e Tissot e uma biografia, que nos tem sido dum cap ital auxilio para a confecção destas notas rapidas. (*)

A publicação da notavel vulgarisação do illustre medico veio provar mais uma vez a observação de Augusto Comte de que, se a intolerancia não pôde já hoje queimar na fogueira dos Huss e dos Geordano, ainda pôde matar pela fome os dissidentes, observação duma amarga justeza que o proprio Comte, privado da sua cadeira da Polytechnica e sujeito ao auxilio generoso dos seus amigos, Littré, Stuart-Mill e outros, poude infelizmente verificar por si, observação de que na Alemanha nos dá o mais triste exemplo o philosopho da *Essencia do christianismo*, um dos mais profundos pensadores deste seculo, o grande Luiz Feuerbach.

Assim, o dr. Büchner teve de abandonar a sua cadeira de Tubingue e de retirar-se para a sua patria, aonde retomou o exercicio da medecina.

Este exemplo de intolerancia, devido áquelles que mais gritam contra a escola materialista que tem em Büchner um dos mais illustres representantes e que accusam de immoral e de despotica pela negação do

(*) Já depois de escripta entendemos dever deixar de inserir aqui a parte de critica deste livro do pensador de que vimos fallando, porque nos pareceu que a exposição e a defesa dos principios duma escola philosophica por ventura pouco sympathica, e sobretudo toda uma discussão extensa e especial, fastidiosa, portanto, destoavam da indole do periodico em que escrevemos. Limitamo-nos, pois, a dar a parte biographica do nosso trabalho, como aquella duma utilidade mais proxima, por tentar tornar conhecido um dos homens illustres do nosso tempo que tem gasto a sua vida na vulgarisação constante e desinteressada dos principios em que julgou encontrar a Verdade.

livre — arbitrio poisque de boa ou má fé em questões do materialismo ainda estão com Hobbes e Helvetius, e que dão pela liberdade de consciencia os signaes de respeito conhecidos, deve ficar registado numa publicação que se escuda com o nome dum dos homens que entre nós mais combateu contra todas as fórmas de tyrannia, de espiritos ou de pessoas.

O todo poder do Mal contra a immortal força do Espírito nunca levou senão a esforços insensatos, já o disse o titan dos *Castigos*, e assim a *Força e materia*, a despeito das insolencias ineptas de todos os declamadores tonsurados ou não, foi abrindo caminho e impondo-se pela força da sciencia com factos adquiridos a todos os devaneios lyricos dos restos das seitas das grandes construções idealistas do principio do seculo. Büchner em face da tempestade desencadeada pelo seu livro não trepidou. A multidão de artigos e folhetos de critica, dos quaes o unico acceitável é o de Paulo Janet com todas as suas incoherencias e tautologias ainda assim, encontrou o dr. Büchner sempre prompto e seguro na replica, quer em prefacios ás novas edições do seu livro, quer em artigos de jornaes, aonde tratando de novas e variadas questões foi desfazendo os velhos sophismas de escola que se lhe oppunham ao par e passo que se lhe ia oferecendo a occasião. Assim, fez aparecer no hebdomadario, o *Seculo*, fundado em Hamburgo em 1856, diversos artigos todos curiosos e uteis dos quaes citaremos *A idéa de Deus e a sua significação no tempo presente*, *Não mais philosophia speculativa*, *A Poesia da força e da materia*, *O professor Schleiden e os theologos* etc. Um pouco mais tarde fez sahir na revista *As vozes do Tempo* outros artigos de polemica não menos interessantes, como *O professor Agassiz e os materialistas*, *Sobre a philosophia actual*, *Uma nova theoria da creação*. Na *Gartenlaube* entregou-se a trabalhos mais serenos do que estes apaixonados de critica e retomou o curso das suas vulgarisações de philosophia empirica e de sciencia positiva, tornando comprehensíveis da grande maioria dos homens do muado e das letras os grandes factos e as grandes leis que os interpretaram adquiridas nos ultimos tempos e que ficaram archivadas nos grandes trabalhos de Moleschott, de Lyell, de Lubbock e de Darwin, por meio de magnificas dissertações populares, como *A edade da especie humana*, *O campo de batalha da natureza ou a lucta pela existencia*, etc.

Estas apreciações, estas criticas e estas dissertações, dum caracter profundamente didactico, escriptas com uma clareza e um escrupulo que se não desmentem, fôram pelo dr. Büchner reunidas a trabalhos ineditos, não menos importantes, num livro — *Tractado sobre a natureza e as sciencias, estudos criticos e dis-*

sertações que em 1862 viu a luz em Leipzig e que em 1866 foi vertido para francez por Augustin Delondre com o titulo de *Sciencia e natureza, ensaios de philosophia e sciencia natural*, para a colleção da *Biblioteca de philosophia contemporânea*. Este livro que explica e completa a *Força e materia* acha-se tambem traduzido em italiano com o mesmo titulo da edição francesa, em Milão, 1868.

Em 1857 Büchner fez apparecer um novo livro, ainda sob a impressão da polemica violenta que a sua *Força e materia* havia suscitado e que veio tratar uma segunda vez com um mais largo desenvolvimento ainda das questões debatidas no primeiro trabalho. Este livro *Natureza e espirito ou Palestra de dois amigos sobre o materialismo e sobre as questões de philosophia realista do tempo presente* ficou, porém, incompleto, sendo publicado só o primeiro volume que tratava do Macrocosmo e não vendo até hoje a luz o segundo que devia tratar do Microcosmo. Na parte publicada esforçou-se Büchner, influenciado já pela obra de Comte que mais tarde no *Homem segundo a natureza* havia de operar no espirito do auctor da *Força e materia* ainda uma mais profunda influencia, por marcar os limites do conhecimento humano, distinguindo, como o fez por outro lado Spencer, o cognoscível do incognoscível, limitando as forças do espirito e cahindo no scepticismo que se percebe em Comte, fundador duma religião, filha natural da sua philosophia e não parto desvairado dum espirito enfermo como os discípulos heterodoxos hoje o querem fazer crêr, mas que num materialista e num atheu, quer dizer num homem que possue já um sistema de explicação do Universo, se não admittie. Este livro de Büchner, como o seu sub titulo o indica, é escripto na forma de dialogo, a mais util para trabalhos de polemica philosophica segundo o auctor que não é só nessa tão justa opinião, antes encontra partidarios em todos os tempos, de entre os quaes não citaremos senão modernamente o illustre auctor de *A Metaphysica e a sciencia*, Vacherot.

Passado que foi esse periodo de acerba polemica em que força foi ao dr. Büchner conservar-se na brecha pelos principios de que tão ousadamente empregou a vulgarização, pônde o illustre allemão entregar-se de novo aos seus estudos especiaes, publicados nos *Archivos de Virchow* e em outros periodicos não menos notaveis da Alemanha e do estrangeiro, como a *Revista científica* de Alglave e Yung que se honra de o contar na lista dos seus collaboradores na secção de medicina legal; merecendo especial reparo de entre estes trabalhos especiaes o que emprehendeu em collaboração com o dr. Simon de Darmstadt e que saiu publicado nos *Archivos de Virchow* sobre os

Hemocristaes e a sua significação no ponto de vista medico legal, notável dissertação que lhe valeu, com outras publicações medico-legaes, a medalha de honra, de prata, da associação dos medicos juridicos de Bade, novembro de 1860.

(Continúa.)

BRUNO.

AS DUAS IRMANS

Eu disse á mais nova um dia:
Rachel, os teus olhos pretos
São como dois amuletos
De irresistivel magia...

E os teus, ó loira Henriette,
Vagos, azues, transparentes,
Parecem lagos dormentes
Onde o luar se reflecte...

Mas quando em negra ancedade
Me lembro daquelle instante
De tão profunda saudade,

Nem mesmo sei que prefira,
Se a fulgidez do diamante,
Se o resplendor da saphira...

Lisboa.

L. T. FREITAS E COSTA.

LUX

(A TEIXEIRA DE CARVALHO)

Um dia Magdalena em lagrimas banhada,
Cheia d'immensa dôr, no transe angustioso
Beijara de Jesus a fronte perfumada.

E o Pae do proletario, erguendo o olhar piedoso,
Aos povos do Futuro então chamou seus filhos,
Lançando sobre o mundo um beijo luminoso.

Rugiram de terror os miserios caudilhos;
Estremeceu do Crime o grande coração;
E viu-se escripto em luz: —logar aos maltrátiphos:

A Humanidade entoou o hymno do Perdão.

Porto — 1878.

XAVIER DE CARVALHO.

ANNUNCIOS

COLLEGIO FRANCEZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 166

Instrução primaria, secundaria e superior; linguas modernas ensinadas por professores das respectivas nações; método racional e seguro; educação moral eiosa em harmonia com os verdadeiros princípios da pedagogia.

Também ha nesta casa cursos diurnos e nocturnos de francez, inglez, alemão, mercio, &c. &c.

Dão-se lições particulares.

O Director,

C. L. d'Archambeau. (2)

CONFETARIA OCCIDENTAL

DE

MANOEL JOSÉ DO LAGO

206—CEDOFEITA—208

HA neste estabelecimento grande sortimento de bolacha ingleza, cerveja ingleza e nacional, licores, nacionaes e estrangeiros, conservas, mostardas, massas, e muitas qualidades de doces finos. (12)

Enfeitam-se taboleiros

FREIXO

CONVIDA os seus amigos e fregueses a visitarem o seu novo armazem central de fato feito, rua do Almada n.º 18, praça de D. Pedro, 59, que está completamente sortido de fazendas proprias da estação actual, e roupas feitas para todas as medidas, casacos e polainas da verdadeira casimira impremiavel. (13)

PIRES, LOPES & C.^A

LARGO DOS LOYOS N.º 82—1.º ANDAR

COMPRAZ e vendem papeis de credito, nacionaes e estrangeiros, inscripções e obrigações los caminhos de ferro. Descontam romissorias dos Bancos Commercial de Vianna, Commercial e Braga, Banco do Porto e letras e cambio; compram os coupons a dívida interna e externa de Espanha. Recebem dinheiro árdem e a prazo fixo, abonando tro. (6)

NINGUEM FICA ALEIJADO!!

147—Rua do Laranjal—147

Fazem-se apparelhos orthopedicos aplicaveis a diferentes aleijões que appareçam no corpo humano, e pernas artificiaes a imitar as naturaes:

Fundas de pressão graduada por uma chave, que sustentam toda a qualidade de roturas e nada incommodam, muito apreciadas dos meus numerosos fregueses do Porto e das provincias.

Fazem-se tambem cintos para sustenter o ventre e tudo o mais concernente á arte orthopedica; preços muito reduzidos. (3)

NOVIDADE!!!

Já chegaram os copos de vidro temperado, para agua e vinho que os jornais estrangeiros teem classificado como incobraveis. Vende-os Casimiro de Sousa Fontes. (14)

26—RUA DE D. PEDRO—28

RELOJOARIA GARANTIDA

DE

PAULO & FILHO

73—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—73

Tem á venda relogios de todas as qualidades.

Também concerta os mesmos com perfeição.

PREÇOS RAZOAVEIS (7)

BILHETES DE VISITA, DE CASAMENTO E DE LUTO

Rua de Santo Antonio 41, junto á casa Buisson. (8)

ANDRADE

RELOJOIRO

25—RUA NOVA DE S. DOMINGOS—27

Relogios superiores de ouro e prata para homem e senhora. Relogios de meza e parede americanos e franceses. Calendarios perpetuos. Instrumentos, de marinha estantes e sextantes, bussolas, barometros aneroides, binoculos.

Todos os relogios serão attentiosamente reparados e regulados.

Preço igual para todos. (9)

ALMEIDA MENDES

Perfis Romanicos: colleção de quatro lindos romances intitulados — *Providencia* — *Maria* — *Odio de Fidalgos* — *Destino Fatal*. — 1 vol. perto de 300 paginas, impressão nitida e em bom papel, 500 reis. Pelo correio franco de porte.

Vende-se na livraria Vinha Jacintho Silva, rua do Almada n.º 136 e na redacção do — Herculano. —

(14)

MERCULANO

Revista quinzenal de litteratura, collaborada por distintos escriptores e consagrada á memoria de Alexandre Herculano.

A todos os senhores assignantes desta publicação, será distribuido, como brinde, no fim do 1.º volume, o retrato do falecido historiador, primorosamente executado.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal

Brazil

Anno	960	Anno.....	2\$400
Semestre	480	Semestre	1\$200

Para as provincias a assignatura é paga adiantada.

Recebem-se annuncios e comunicados, quando estes venham assignados e legalmente reconhecidos, para serem publicados nas capas do jornal a 20 réis por linha.

Todos annunciantes sendo assignantes de anno, pagarão 10 réis somente, gosando além disso o batimento de 10 por cento.

Originaes enviados á redacção não se restituem, sejam, ou não, publicados.

Escriptorio da Redacção — rua do Almada n.º 567. — 1.º andar.

UNIÃO

PHOTOGRAPHIA



DA CASA REAL



PREMIADA NA EXPOSIÇÃO DE PHILADELPHIA DE 1876



47 — Praça de Santa Thereza — 47

(CASA APALAÇADA)

Este estabelecimento tem artistas que praticaram nos melhores ateliers estrangeiros, achando-se habilitados a photographar, segundo os processos mais modernos e com o retoque indispensável, que tanta aceitação tem tido do público.

O proprietário concluiu melhoramentos consideráveis no atelier e mais dependências, podendo satisfazer cabalmente a todas as encomendas concernentes á sua arte.

Perfeição nos trabalhos e modicidade nos preços: provas á vista.

Toda a imprensa periodica do Porto tem assignalado a photographia UNIÃO com palavras de subido louvor, acabando de receber do governo de Sua Magestade o honroso diploma de PHOTOGRAPHIA DA CASA REAL.

Este atelier tem sido visitado por muitas pessoas notáveis, entre as quais se conta Sua Magestade El-Rei o snr. D. Luiz I, o grande tribuno hespanhol Emilio Castellar, o primeiro jornalista portuguez o snr. Antonio Rodrigues Sampaio, ex-ministro do reino, o snr. Antonio Cardoso Avelino, ex-ministro das obras publicas,

(1)

DENTES

COLLOCAM-SE desde um até completas dentaduras e por todos os sistemas conhecidos, garantindo-se a solidez e perfeição, e por preços muito razoaveis. Rua de Santo Antonio n.º 160, em casa do conhecido dentista Furtado & Irmão.

O mesmo continua tendo á venda os seus acreditados elixires para a conservação e limpeza dos dentes, sendo um bom preservativo contra a dôr e caria dos mesmos.

(4)

À VENDA

Lumes succos legítimos, 1.ª qualidade.

Lumes inglezes em caixas de folha.

Tijollos refractarios Inglezes.

Tijollos para Imperar os metaes,

Cognac, Licores, Champagne, Bordeaux &c. &c.

Preços reduzidos. Desconta-se para revender.

Ferraria de Baixo, 118 1.º andar.

(5)

TABACARIA LUSO-ITALIANA

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros e um deposito de perfumarias escolhidas.

Praça da Batalha — (baixos do Theatro de S. João.)